

REVISTA

bulungu

fevereiro de 2025 - número 38



nós só não recebemos dinheiro da

USAID

porque somos muito burros

EDITORIAL

Os integrantes do governo estão batendo cabeça para conseguirem o apoio (cada vez menor) da população, mesmo entre seus próprios eleitores, que aguardavam ansiosamente pela picanha e pela cervejinha prometida pelo seu maior representante.

Agora estão querendo autorizar a remarcação dos prazos de validade dos produtos alimentícios, para que sejam vendidos por preços mais baratos.

Seguindo essa tendência, é possível supor que a próxima medida governamental será promover, por decreto, a reutilização do papel higiênico e do fio dental, assim como incentivar a utilização de escovas de dentes de forma coletiva, o reaproveitamento de seringas, pneus carecas, absorventes higiênicos e fraldas descartáveis.

Para os indigentes, haverá a distribuição de sopão engrossado com jornal e papelão, em substituição ao tradicional pão com mortadela.

Afinal, na falta de competência, a criatividade tem o seu valor.

NÓS NÃO RECEBEMOS DINHEIRO DA



Somos tão insignificantes que não recebemos nenhuma ajuda do USAID, órgão norte-americano criado para prestar auxílio aos povos famintos, mas que se tornou um instrumento da esquerda para promover mudanças de sexo e divulgação de linguagem neutra ao redor do mundo, além de realizar interferências na política de diversos países, propagando ideais socialistas.

Isto não é justo, pois fizemos o nosso dever de casa direitinho, tentando agradar a gregos e troianos, escrevendo textos marcados pela mais absoluta imparcialidade, incapazes de ofender as autoridades autoconstituídas e

também ao cidadão desavisado que acredita que as regras de diversidade sexual são mais importantes do que a fome da população, evitando, com isso, a geração de processos de ofício em nosso desfavor, para que a Polícia Federal não tenha que bater às nossas portas às seis da manhã.

Não estivemos presentes nas manifestações das "Diretas Já", pois naquele tempo já éramos uns marmanjos e ficaria ridículo pintarmos as nossas caras com tintas verde e amarelo, bem como não participamos das ações dos "black-blocs", pois preferimos usar roupas mais despojadas, coloridas, bem diferentes daquelas vestimentas pretas que não combinariam com os nossos tênis All Star brancos de cano longo, que fizeram muito sucesso nos anos 70 e que agora voltaram com força total, como símbolo de uma rebeldia pasteurizada, da mesma forma que a moda das calças apertadinhas voltaram com determinação, logo depois da indústria da moda reviver, por um verão, as famosas panta-

pantalonas e outros modismos estúpidos, mas, ainda assim, preferimos permanecer no anonimato, nos tornando inofensivos personagens semelhantes aos Minions.

Da mesma forma, não participamos das manifestações pró-democracia, nem posamos para fotos com gestos de "arminhas", ao lado de velhinhas terroristas sentadas em suas cadeiras de praia, fazendo crochê.

As coisas mudaram muito nos últimos tempos, bem diferente dos embates com a polícia nos anos 80, quando éramos adolescentes e tínhamos que sair do alcance das bombas de gás lacrimogêneo, enquanto homens e mulheres eram presos e torturados, sendo que alguns sumiam e não mais apareciam no mundo dos vivos.

Hoje só nos resta acreditar em narrativas estapafúrdias inventadas por uma horda de desqualificados que tomou o poder.

Harold Lloyd

por **Jorge F. Isah**



Nos anos 20 e 30 do século passado, havia uma trinca de comediantes que disputavam o trono de maior: Charles Chaplin, Buster Keaton e Harold Lloyd. Se Chaplin e Keaton são reverenciados ainda hoje, o mesmo não acontece com Lloyd, quase esquecido pelo público e crítica.

Aqui e acolá, as obras de Chaplin e Keaton são estudadas, novas biografias lançadas, ensaios publicados e conteúdos diversos disponibilizados em papel e vídeo. Já com Lloyd, um gênio das artes, as novidades não surgem na mesma proporção, e ele parece ter sido esquecido, a despeito do estrondoso sucesso da carreira. Ele, assim como os outros, foi expoente e um dos mais brilhantes e inventivos comediantes da era do cinema mudo.

Nascido em Burchard, Nebraska, 1893, Harold Clayton Lloyd era filho de um fotógrafo itinerante e de uma dona de casa. Começou a atuar ainda criança e, adolescente, fazia pontas em curtas, até ser convidado e integrar o grupo mais famoso nos anos 10: o Keystone, de Mark Sennett. O grande produtor e diretor viu o talento bruto de Lloyd e após participar de algumas dezenas de curtas (chegou a fazer 18 em 2 anos), foi contratado por Hal Roach, cuja empresa era responsável por lançar as maiores estrelas do cinema à época, e viria a catapultar ao estrelato nomes como Lloyd, Laurel & Hardy, Jean Hallow, George Stevens, Boris Karloff, Paulette Goddard, entre outros.

Juntamente com Sennett, foi o criador do "cinema do caos", onde as grandes confusões, trapalhadas e perseguições que ganharam notoriedade nas telas, a atenção e diversão do público. Eles condensaram o espírito do cinema, posteriormente de Hollywood, e até hoje esta marca continua indelével.

Antes de Roach, Harold parecia uma cópia de Chaplin, um vagabundo de roupas apertadas. Foi a perspicácia do produtor que acrescentou ao personagem, na maioria dos filmes chamado apenas de "O Garoto", o chapéu pana-



má e os óculos. Sugeriu a retirada do bigodinho e então o protagonista se tornou ainda mais distante da aparência de Carlitos. Se Chaplin era o espertalhão, Keaton o triste, Lloyd era o americano médio em todos os aspectos (serve também para qualquer outra nacionalidade, onde o cidadão médio é maioria): não era inteligente, se metia em confusões, desastrado e, às vezes, terminava como herói, e em outras chegava

mesmo a ser uma espécie de super-herói. Ele resumia nos roteiros simples, fatos corriqueiros, do dia a dia, o prosaísmo da vida e das pessoas, e transformava-os nas situações mais hilárias, em que cada um podia, e ainda pode, se ver no palhaço que somos e habita em nós.

Na década de 20, chegou a ser a estrela mais bem paga do cinema, superando os colegas e concorrentes de profissão. Foi pródigo também na direção, produção, escreveu roteiros, e em muitas situações dispensava dublês e se metia, como Keaton, em situações demasiadamente perigosas para as estrelas. Fez um imenso sucesso e os seus mais de 200 filmes estão aí para quem quiser ver, contribuiu para o aperfeiçoamento da comédia, não na mesma medida de Keaton e Chaplin, mas o seu nome, certamente, está entre os maiores entre os grandes da sétima arte.

Se existe um filme que ainda hoje é descrito como um dos marcos do cinema mudo, é "Safety Last"(O homem mosca), de 1923. A cena icônica em que "o Garoto" está pendurado no ponteiro de um enorme relógio na fachada de um arranha-céu, enquanto, embaixo, o trânsito caótico e os transeuntes frenéticos, em sua maioria, sequer notam a situação, faz parte das mais

memoráveis cenas já produzidas. A imagem é ao mesmo tempo impactante, aflitiva, engraçada e espetacular. Pode-se sair do grito para a risada, do susto para a diversão, mas qualquer que seja o sentimento enquanto dura as peripécias de Harold, o espectador jamais ficará indiferente, mesmo neste mundo pautado pela indolência.

Em seus filmes, a marca mais evidente é o quanto a sociedade americana se transformava, saindo praticamente de uma nação rural e agrícola para, além da industrialização, o frenesi das ruas, das cidades, a correria desenfreada, a vida tresloucada e a passar alheia diante dos olhos como o vislumbre do passageiro à janela de um auto ou trem. O mundo não seria mais o mesmo, e quanto mais rápida a adaptação, menos doloroso seria encarar o novo mundo. A verdade não se traduz nas engenhocas e inovações tecnológicas, o conforto e a aquisição de consumos, mas em o homem ser o mesmo, e não seriam as invenções e avanços científicos a torná-lo melhor e, digamos, mais pronto para a vida. Em certo aspecto, o "correr atrás do vento" revela apenas a disposição à ilusão e utopia, e mesmo assim multidões insistem em persegui-lo, sem jamais o

encontrar. A vida é simples "e nós quem a complicamos", diria o velho sábio, aquele hoje chamado de "tio" ou "gagá". E o "gagá" do passado é o "tio" de hoje, mais eufêmico, porém igualmente denunciativo.

Lloyd mostrou ao mundo o mundo vertiginoso e convulsivo em sua desordem, e o transformou, de alguma maneira, no objeto de desejo daquele interiorano que, como no filme "Number, Please", de 1920, em que a "A Garota"(Mildred Davis) admira o parque de diversões, o prenúncio de aventuras e êxtase, mas pontuado pela velha ambição, disputa e interesses. Existe a frustração, a alegria, o medo, e um desfecho feliz ou não. Mas Lloyd queria entreter, fazer as pessoas esquecerem por algum tempo as aflições e tragédias, e torná-las em risos e, quem sabe, um recomeço.

E assim como o "American Way of Live" traria outra concepção de mundo, Harold Lloyd e suas peripécias, correrias, riscos e, porque não, afeto e amor, descreveu os primórdios do século da indiferença e da procrastinação, um mundo aparentemente distinto, mas onde o protagonista continua o mesmo, e isso nem Chaplin, Keaton e Lloyd conseguiram mudar.

Frases (traduzidas livremente do inglês):

- O riso é o som mais belo do mundo.
- A comédia nasce de dentro. Nasce do rosto, do corpo.
- A dor era considerável, mas banal diante do meu estado mental.
- O amor é a coisa mais próxima do riso e a coisa mais próxima das lágrimas. O amor é a força motriz de tudo no universo que contém beleza. O amor é a razão de tudo e a recompensa de tudo.
- Não acho que o público queira comédias faladas. Filmes e artes faladas são duas artes diferentes.
- O homem que tenta ser engraçado se perde. Perder a naturalidade é sempre perder a simpatia do público.
- Meu humor nunca foi cruel ou cínico. Simplesmente agarrou a vida e deu uma pitada de diversão. Fizemos isso de maneira que todos entendessem, sem barreiras linguísticas. Parece que também conquistamos as barreiras do tempo.
- Acho que agora gostaria, acima de tudo, de ser um bom conversador. Sei que não sou um, no momento. Ah, posso sentar e conversar um pouco sobre isso e aquilo, mas percebo que não tenho nenhum conhecimento definido ou profundo. Não ficarei satisfeito com apenas um palavreado, uma aparência superficial de informação. Não quero atalhos para o aprendizado. Quero saber tudo sobre o que estudo.
- Acho que tenho muita fé na natureza humana. Acredito que as pessoas são boas. Acredito que eles são confiáveis. Até onde eu sei, ninguém jamais traiu minha fé, de forma alguma. Se alguma vez o fizeram, fui poupado de saber disso.

O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XIII

A espuma branca batia na areia escura, entre cocos vazios, sacos plásticos, pets de refrigerante, pratinhos descartáveis, latas de cerveja e tantas tralhas e refugos que o mais desavisado morador ou turista se certificaria de, naquele lugar, a frequência não passar de populacho, de habitués mal-educados e boçais. O aspecto da areia e seus adereços dava provas do quão grosseira pode ser a convivência, inóspita e nada razoável.

Era ainda muito cedo, e a brisa do mar trazia algum fresco aos pulmões, afastando o odor fétido aqui e acolá, seja dos banheiros químicos, seja dos canteiros e gramados e suas fezes e urina de cães, seja pela corrente d'água a descer a serra e cortar toda a cidade, e nela receber um e outro acréscimo que os agentes públicos insistiam em dizer "virem diretamente da natureza, sem qualquer poluição", cortar a areia e desaguar atrevidamente na costa. A despeito das negativas de policiais e bombeiros, agentes de turismo e fiscais indolentes, não havia

como alguém fazer vistas grossas à água marrom onde papéis, mais plástico, restos de comida, e sabe-se lá mais o que, eram impulsionados para o Atlântico e nele permaneceriam até a maré subir à noite.

Chegaram as primeiras barracas, e alguns surfistas terminaram as suas manobras em águas calmas e desonduladas. Outros caminhavam na areia e calçadão. Ainda outros molhavam linhas e anzóis. O sol erguia-se preguiçoso, em passos lentos, mas definitivos. Dois barquinhos de pesca cruzavam as ondinhas com as redes espreiadas, e, ao fundo, alguns cargueiros aguardavam a vez de atracar no porto. Quatro turistas chegaram... E eram turistas... Os moradores os conheciam de longe; normalmente traziam equipamentos ensurdecadores, cadeiras, guarda-sol e seus contêiners com bebida e comida de supermercado, e assim davam uma banana aos quiosques e seus preços insanos e a reproduzir nas férias, fins-de-semana e feriados o mesmo estilo de vida rotineiro, ao menos no que tange à alimentação e ao trato indelicado e displicente na sucessão do tempo.

A música alta encheu a praia e se misturou ao dobrar das ondas, tornando o ambiente deletério para Antenor. Não que antes estivesse satisfeito; o seu senso crítico quase sempre via os problemas antes de qualquer sinal de virtude, mas especialmente naquela manhã estava disposto a usufruir, ainda que minimamente, das benesses graciosas de Deus, mesmo com a sempre leviana mediação humana... Sim, o homem é um mordomo desleixado e irresponsável; e se não consegue cuidar de si mesmo, o que dirá de quem ou o que está à sua volta? — pensou. E a prova estava ali, com os banhistas e seus horrores, a tumultuar e poluir tudo o que estivesse e aonde pudesse alcançar, sem nada além da empáfia e anarquia... Antenor não era militante de qualquer causa, muito menos das ambientais. Não entendia o porquê de grupos ditos ecologistas gastarem exorbitantes somas em coisas que querem impedir os outros de ter, quando eles mesmos não abrem mão delas. Se seguissem à risca o próprio discurso, navegariam em barcos à vela, andariam a pé ou em

charretes, e manteriam suas casas aquecidas com lenha e carvão, escreveriam nas paredes de cavernas... mesmo estas coisas simplórias e antiquadas representavam poluir em alguma medida, e a arenga cairia por terra... Nada é capaz de satisfazer os extremistas a não ser saciar a própria vontade e negar aos demais as suas. Como a máxima da sabedoria popular, dizia: faça o que digo, não faça o que faço!

Ele não os levava a sério, nem quando havia algo de bom em meio aos discursos panfletários e ridículos, porque, lá no fundo, o cheiro de trapaça e armadilha exalava-se finório e postiço. Mas se os ativistas eram malandros, não significa que, em contrapartida, tudo deve ser corroído e desmedido. Firmemente cria no papel de cuidador, daquele a zelar pelo bem que não pertencia a ninguém, mas somente ao Criador, portanto, estávamos a seu serviço; éramos caseiros encarregados de deixar o lugar nas condições entregues pelo Patrão. E isso, também confiava, seria o melhor, pois valia mais ser lacaios no paraíso

do que chefe no inferno.

Saiu. Buscou um local menos perturbador. Afastara-se para o lado mais deserto, onde àquela hora havia apenas homens e suas pescas, pombos, gaivotas, quero-queros e andejos esporádicos.

Uma mulher, dos seus quarenta e tantos ou cinquenta e poucos, seguia um vira-lata preto e peludo. O cão, sem coleira, dava quase mortais nas águas pardas; saltitava, afundava e, volta e meia, retornava à dona, que o afagava e dizia alguma coisa ligeira. Após o carinho, ele tornava à água e repetia a mesma evolução de antes. Era nítida a felicidade do animal, tal qual uma criança em um parque de diversões. Aquele era o seu momento. E isso dizia muito, ou talvez não, a respeito do seu temperamento. Antenor via, quase sempre, os cachorros temerem o mar. Muitos donos tentavam arrastá-los à beira-d'água, mas eles resistiam o quanto podiam e suas forças suportavam. Eram neuróticos e haviam esquecido a própria natureza. Deixaram de ser o que eram para ser e se tornaram em bichinhos de pelúcia,

adorninhos para os seus tutores, com suas roupinhas, lacinhos, sapatinhos e paetês, capazes de tirar-lhes toda a originalidade. Ao passo em que o cão preto e peludo trazia os traços da domesticidade, mas não abdicara da sua essência. Não era um neon a ressaltar o quão pravo e comodista era o dono.

Algumas nuvens cobriram o sol e o vento soprou mais forte. A areia densa, como chumbo pretejado, não se moveu. Apenas os famigerados papéis e plásticos e retalhos, num redemoinho a se formar em breve, e a deixar o lugar parecido com um jardim de pedras.

Nestes momentos, costumava divagar, no passado recente ou longínquo, nos vivos e mortos, em nódoas e tino, ou simplesmente visitava um futuro que sabia jamais palpável. Ao olhar a praia, imaginou-se garoto, quando lia Stevenson, Verne, Dumas, Twain, Lobato e outros menos famosos, e era atraído pelo mar, pelas aventuras, uma vida muito além das manhãs comuns e tardes moles enquanto aguardava a noite sonolenta. O mundo

era feito de navios, piratas, heróis e perigos, onde donzelas à espera de príncipes suspiravam ou sofriam com aspirantes cruéis e interesseiros. Havia alguns anos, o anseio pelo litoral regressou, depois de longa investida em sítios nas Gerais devaneados, e cá estava ele, em uma modesta casa de dois quartos, com uma boa área externa, a duas quadras da areia. Para muitos, um prêmio, algo natural. Para ele, entretanto... Olhou à esquerda, direita, até onde a miopia deixava, e a despeito de não ser o lugar mais lindo do mundo, não era de todo lançadiço. Era muito mais do que um dia merecera, muito mais do que jamais supôs ter, e mesmo ao gastar a sua vida e seus recursos estupidamente em mesas de bares, churrascos, shows e toda a sorte de vícios e inúteis e efêmeros desejos, Deus fora bondoso e providente ao lhe dar uma velhice serena e digna. Não era por si, mas dele; presente dos céus, sem que Antenor movesse um dedo na direção certa. Sabia, e mais do que isso, estava convicto de nadar por décadas na direção oposta, onde a indigência e os cacoetes

defini-lo-iam como um velho idiota e leviano. Alguns congratulavam-no pela sorte de estar ali; e ainda que fizesse questão de colocar na conta de Deus a sua fortuna, não raro ouvia: "Deixa disso! Você fez por merecer!"... Gentes que o conheciam havia décadas, e mesmo diante de toda a informação, de testemunhar os disparates e reconhecê-lo um naufrago salvo no último instante, faziam vistas grossas e toleravam-no; capazes de perdoar ou aplacar erros que não sofreram, insultos que não receberam, covardia que não os dominou, nem o saldo de todas as tentações e fiascos. Eram generosos, mas cegos. E se Antenor muitas vezes não se dava direito ao indulto, por que Deus o fazia? E ainda o cercava com favores graciosos?... A resposta, depois de anos, não estava em si mesmo, mas nele. Não cansava de repetir. E por mais insistente, quase ninguém se dispunha a compreender e aceitar, a garantir um afago, um mimo, e pôr uma pedra sobre o assunto. A verdade é que fizera o contrário, nadando contra a corrente e, se depen-

desse de si, o desastre era líquido e certo. Mas a mesma força que o impeliu à ruína quase toda a vida, e ninguém se dispôs a destruir como ele, ao menos que tivesse notícia e conscientemente, não foi suficiente para destruir a força das forças; a mesma potência diabólica e antinatural não impediu a graça, e se as coisas pareciam desmoronar, o edifício de cartas no sopro, tijolos eram alicerçados sob os seus pés. No fim das contas, onde havia aperto e risco, veio socorro e alívio.

E lembrou-se de algo sagrado: "a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança."



Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com

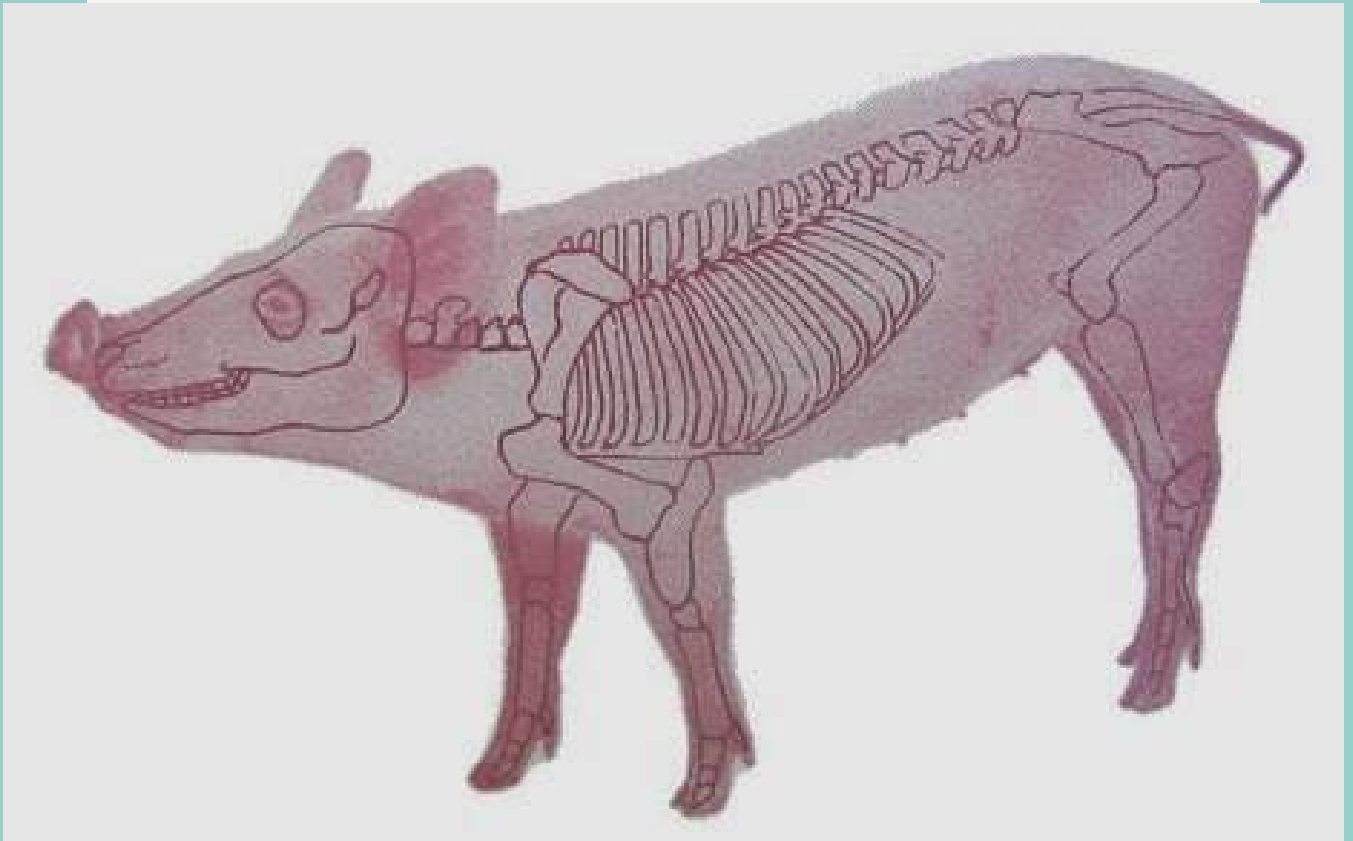
PORCOS NÃO OLHAM PARA O CÉU

Michel Salomão



Os porcos são a única espécie de animais vertebrados que não olham para o céu. Foi o que li em algum lugar, mas tive preguiça de ir até um chiqueiro para constatar, o que seria esperado de um repórter investigativo que se preze; no mínimo, deveria ter procurado por artigos mais confiáveis com o objeti-

*vo de formar o meu conceito.
Contudo, preferi acreditar, mesmo
depois de ver esta foto acima.*



Parece que a coluna deles não é como a dos cachorros, dos gatos, dos cavalos, e isso é muito esquisito. Dizem que eles chafurdam na lama e comem as suas fezes porque os seus criadores não limpam o seu habitáculo. Alguns cachorros e seres humanos também comem os seus

dejetos. O nome disso é coprofagia. Mas é um assunto muito ruim para se tratar em uma revista que procura oferecer cultura, humor e entretenimento para seus leitores de alto nível intelectual.

Vamos voltar aos porcos: algumas religiões optaram por não comerem as suas carnes. Muito menos o bacon e a salsicha, alguns de seus subprodutos mais cobiçados. Está na Bíblia. Se formos raciocinar, a carne de porco pode ser perigosa: é preciso cozinhar por muito tempo para não ter problemas com diversos vermes e protozoários que ela contém. Perigosos também são o camarão e as ostras: anualmente, milhares de pessoas são intoxicadas e podem ser levadas a óbito em decorrência de sua ingestão. Com o Baiacu é ainda pior: pode liberar Tedroxina, uma neurotoxina 1200 mais mortal do que o cianeto. Ainda

assim, as pessoas pagam caro e comem com a boca cheia. Deus nos alertou, mas pouco adiantou.



Dizem que o nosso DNA é muito semelhante ao dos porcos. Mais do que dos macacos. Já repararam como os olhos desses animais são parecidos com os olhos humanos? Algumas pessoas também têm o caráter parecido com o desses animais, e se deliciam com o esgoto que a sociedade produz, tentando impor o seu padrão para os demais. Algumas pessoas são mais sujas do

que os porcos. Por fora e, principalmente, dentro. Elas não olham para o céu porque temem o julgamento de Deus.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



INTERNET, SITES, BLOGOSFERA - E A MORTE DA INFORMAÇÃO

Sammis Reachers

Talvez você não saiba, mas no tempo da explosão dos blogs, eu fui um dos maiores blogueiros evangélicos em volume de ação, mantendo bem mais que dez blogs ao mesmo tempo. Além do trabalho de mobilização, estando na equipe diretiva da União de Blogueiros Evangélicos, que chegou a ter coisa de 10.000 associados. A maioria dos meus blogs continua viva, com uns três ou quatro com trabalho prioritário. Mas, com a mudança de indexação do Google, a blogosfera ruíu, há coisa de uns 10, 12 anos.

Outra coisa que fui, foi me tornar eu mesmo um "indexador": Os meus blogs

eram campeões em quantidades de links para outros sites e blogs. Vasculhei firme e forte a internet em nossa e em algumas outras línguas, e blogs como o Arsenal do Crente se tornaram meio que uma verdadeira biblioteca de links.

Tudo isso é para falar de uma matéria recentemente (04/02/2025) publicada pela Folha: "O cemitério da internet; 1/4 das páginas desapareceu em dez anos" ¹, fenômeno que eu já percebia e alertava há 15 anos. De cem links numa barra aleatória de um meu blog aleatório, calculo isso daí: 25 a 40 % dos sites SAÍRAM DO AR. E levaram juntos toneladas de informação – algumas, por paradoxal que pareça em tempos de virtualidade – irrecuperáveis.

Lembro de pessoas que compravam "domínio próprio" para seus blogs, o que é pago, claro, e eu alertava pois via o resultado disso lá na frente. E resultou: O cara desanimava, ficava duro ou por qualquer motivo parava de pagar e "já era" o trabalho feito. Já os blogs em domínio gratuito Blogspot ou Wordpress continuam firmes, embora não fortes. Para completar, conheci pessoas que, não podendo ou

querendo mais alimentar um blog ou site, MESMO GRATUITO, simplesmente o deletaram, levando junto informações que poderiam ser úteis a milhares de pessoas. Sim, passados os anos eu ainda não consigo explicar.

De prático, uma dica que posso dar aos amantes do conhecimento: encontrou algo único, interessante? Copie, organize em seus arquivos e salve. Aquele site pode desaparecer literalmente amanhã, seja o blog da oficina mecânica de sua esquina ou um portal governamental que de repente é descontinuado. É assustador, mas não há garantias de infocontinuidade na internet, terra de todos e de um ninguém voraz; não há nada que garanta a manutenção e viabilidade a médio prazo da informação. A web (a Era do Conhecimento, na verdade) é mais possessão do caos do que gostaríamos.

P.S. — Ah, leu um poema em meu blog Poesia Evangélica no longínquo 2006 e guarda até hoje uma memória evanescente daqueles versos? Ele ainda está lá, é só pesquisar. Mas sabe-se lá até quando.

Nota: 1- Acesse o link da informação em www1.folha.uol.com.br/tec/2025/02/o-cemiterio-da-internet-um-quarto-das-paginas-desapareceu-em-dez-anos.shtml

O AMOR DA PRINCESA



Nara Luisa Maria A. de O. Salomão

- Vovó, conta pra gente aquela historinha da princesa?
- Tudo bem, eu vou contar, mas prestem bastante atenção!

A vovó acendeu a luz do abajur, apagou a luz do teto e ajeitou as almofadas para ficar bem grudada nas duas netinhas, que já estavam com suas camisolinhas floridas e se colocaram debaixo das cobertas.

- Havia uma princesa que habitava as terras de Mainor, nos confins do continente. Ela nasceu no outono, em uma noite de lua cheia. Veio ao mundo sem qualquer protocolo: sua mãe, a rainha, deu a luz em um dos quartos do palácio, após a segunda contração, em um parto indolor para ambas. Ela nasceu sorrindo, com os olhinhos verdes bem abertos e brilhantes.

A princesinha cresceu livre, leve e solta, brincando nos amplos jardins do palácio, de vez em quando fugia para conhecer os bosques da aldeia, encantando-se com as borboletas e os pássaros, tomando banho em riachos de águas cristalinas, brincando com as crianças do reino, em um tempo em que o perigo parecia não existir. Era muito apreciada pelos seus belos olhos, pela sua pele branca e pelos seus longos cabelos loiros, além da boa educação e da bondade. Sua infância foi um sonho do qual ela se recordaria com carinho para sempre. O tempo passou e a princesa tornou-se uma linda adolescente, mas não se sabe por qual razão

andava sempre triste, tomada por uma apatia, quando ficava horas refletindo sobre os problemas do mundo, sobre a fome e as ameaças de invasão e as guerras que aconteciam nos reinos vizinhos, mas se abstraía observando os planetas e desenhando a posição das estrelas do céu. Mas naquele dia acordou diferente, com uma energia estranha, que não era comum, pois parecia que o seu corpo estava irradiando luzes e flutuava. E assim, como sempre fazia, tomou o seu banho matinal, com leite e pétalas de rosas, vestiu-se de forma habitual e colocou sua espada na cintura, porque, como princesa herdeira do trono, havia sido treinada no exército de seu pai, o Rei.

Pela primeira vez, sentiu-se particularmente bela, mas não se dava conta de que a sua beleza, há muito tempo, já chamava a atenção de todos os rapazes do reino, e também dos reinos vizinhos. Porém, ela ainda não havia encontrado um pretendente à sua altura. Todos os que conhecera, até então, eram meio bobocas ou

avançadinhos demais, nada que a agradasse ou tocasse o seu coração, principalmente porque havia apenas um ano que deixara de brincar com as bonecas, por exigência da rainha, sua mãe, que lhe dizia que ela "só tinha altura".

O dia dos grandes acontecimentos não manda avisos, mas naquele, especialmente, ela se sentia extremamente feliz, e só depois entendeu tratar-se de um sinal do céu: à tardinha, depois de um dia de calor intenso, após um longo passeio pelas campinas floridas, ao subir as escadas do palácio, viu lá no topo um elegante rapaz. Ao se aproximar, notou tratar-se de um belo moreno, com cabelos negros como a noite, sobrancelhas perfeitas e um olhar que parecia despi-la por completo. Instantaneamente, pensou que sua branquitude e a morenidade dele dariam uma bela prole, o que pareceu uma loucura, pois nunca havia pensado nisso antes, mas renunciou que seriam os herdeiros do seu reino.

Ele a cumprimentou, disse que era um príncipe e

que estava em viagem, quando parou no local para dar de beber aos cavalos. Sem demora, a princesa o convidou para entrar e, após os olhares se cruzarem, ela notou em seu rosto um belo sorriso com dentes alvos como marfim, meio tímido, como se quisesse esconder seus pensamentos; depois disso, um não conseguiu mais esquecer do outro: acho que foi amor à primeira vista.

Então eles começaram a namorar. Mas a princesa era um tanto desajeitada e confusa e, em determinados momentos, o tratava como um súdito seu, e por qualquer desentendimento puxava a espada para restaurar a ordem e a lei, até compreender que o amor havia chegado para ela. E a paixão deles foi ficando tão quente que nos lugares onde se deitavam não nascia relva, o que gerou muitos comentários por todo o reino, deixando os seus pais preocupados.

Então eles apressaram em se casar, e foi uma cerimônia muito bonita, seguida de uma festa maravilhosa que durou uma semana inteira.

Contudo, eles tinham muitas diferenças, que não eram apenas na cor: a princesa era muito introvertida, mais inclinada à reflexão e ao estudo, enquanto ele era extrovertido e facilmente conquistou o reino com a sua simpatia. Ele tinha ciúmes dela, pois alguns "caras de pau" tentavam cortejá-la, esquecendo que agora ela era uma mulher casada, e muitas vezes ela precisava tirá-lo de duelos à espada, quando ele desafiava os mais abusadinhos; e ela tinha ciúmes dele, porque no reino sempre havia uma cortesã de plantão, pronta para se oferecer, mas ele jurava não ter olhos para mais ninguém.

E o casal teve sete lindos príncipes, como a princesa sonhara: morenos claros, muito inteligentes, de caráter nobre, rapazes que eram desejados por todas as mulheres da realeza.

Como o tempo passa para todos, eles envelheceram, os desafios do relacionamento continuaram a existir, mas também aumentaram a compreensão e o companheirismo, e tudo foi vencido com muito amor. Fim da

história.

- Ah, Vovó – disse a netinha mais velha – achei que essa historinha teria dragões, bruxas e fadas...

- Existem dezenas de dragões, bruxas e fadas dentro de cada um de nós, brigando o tempo todo para definirem a nossa personalidade e o sucesso – ou não - de nossos relacionamentos, mas só o amor consegue superar essas batalhas.

- Então tá bom... gostei assim mesmo - disse a mais velha - Boa noite vovó!

- Boa noite, vovó! - disse a mais nova.

- Boa noite, meus amores! - e beijou-lhes as faces, pensando em quantas lutas teriam que enfrentar para encontrarem e manterem acesa a chama do amor de suas vidas.



Nara Luísa Maria A. de O. SALOMÃO é graduanda em Psicologia, Advogada, especialista em Ciências Penais e escritora naramariabhz@yahoo.com.br

A FOTOGRAFIA PRIMAVERA

Luiz Libório Alves da Silva

Casei-me com uma fotógrafa campal; casei-me com uma bordadeira campal.

Com ela, quando chove, eu sorrio - porque sei que suas lentes verão o dorso do campo brilhar. Com ela, quando a seca chega, eu também sorrio - porque sei que suas agulhas copiarão o mato quasar amarelo sob o calor do sol.

Os olhos dela dizem ao pássaro para que não voe - pois será fotografado. Depois, os olhos dela dizem ao pássaro para que ele voe - pois será bordado. O pássaro, quase uma folha, obedece seus olhares - também meu coração os obedece e o coração dela aos meus.

Fotógrafa, bordadeira, campal, eu a amo. A boca, um fruto a ser descrito sobre um pano; o sorriso, as pequenas primeiras flores de uma fotografia primavera.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

O meu imperialismo é melhor do que o seu!

Jorge F. Isah

Em época de eleições, o passado e suas promessas parecem simplesmente não existir, e o tempo faz-se hoje, como se antes nada houvesse, e toda a história estivesse contida em apenas três ou quatro meses. É de se estarrecer como a memória do brasileiro é sazonal e efêmera, compreendendo todo universo político em um punhado de dias, nos quais os elegíveis e eleitos não passam por qualquer crivo que não seja o emocional, aparente e simpático. Como em um teatro mambembe, pouco importa a história dos personagens, o passado, suas convicções e ações, suas decisões e omissões, o realmente admitido e rejeitado; nada disto importa ou é relevante na hora da defesa ou acusação; fica-se apenas com a torcida por algo que nem mesmo a intuição pode explicar, quanto mais a razão. É um pressentimento que não ponde-

ra com nada, a não ser com a falta de valores (e a palavra valor tem o significado de merecimento, talento, reputação, grau de aproveitamento), ficando cada vez mais entregue e baseada no achismo ou na opinião pessoal sem qualquer contato com a realidade e os fatos; uma das marcas evidentes do relativismo pós-moderno no qual a sociedade está submersa ou, se preferirem, atolada até o pescoço.

Por isso, a cada quatro anos, elegemos os "salvadores da pátria", aqueles mesmo que, por décadas, transitaram em salões, gabinetes, auditórios, salas e esconderijos, desconstruindo o pouco que nos restou de soberania e identidade nacionais (interessante como parece, ao ver da maioria da população, que esses personagens nunca tiveram vida e surgiram, do nada, três meses antes de outubro), como se para eles e seus eleitores não houvesse passado, trajetória, uma linha temporal percorrida desde a maternidade. Foram abduzidos após a Certidão de Nascimento, e pousaram agora, semideuses oriundos do Olimpo, com um discurso tão invisível como suas vidas pregressas aparentam ser.

Acontece que, no fundo, visto a superfície revelar apenas uma maquilagem mal elaborada, mas suficiente para esconder a sujeira e podridão debaixo dela, defendem a ferro e fogo um tipo de colonialismo que dizem objetar mas advogam canhestramente. Afirmam que o Brasil está sob controle do imperialismo americano e do capital estrangeiro, mas querem, a todo custo, subjugar-nos ao imperialismo russo, chinês, cubano, coreano, e do capital que os financia (ou alguém acha que todos esses movimentos "sociais" e progressistas prescindem de financiamento e dinheiro? Cujas agenda e atuação copia o modus das grandes corporações?), certamente nos fazendo tão pobres e miseráveis como eles jamais são e jamais serão. Porque mesmo com o crescimento econômico, à custa da escravidão do seu povo, esses países, como um todo, são miseráveis, à exceção dos redutos em que a burocracia fomenta o enriquecimento dos "novos capitalistas", dos narcotraficantes e exploradores de crianças e mulheres, amigos mais chegados e que sustentam boa parte da elite estatal.

No Brasil, ações que deveriam chamar a atenção da sociedade são negligenciadas e tidas como "teoria de conspiração" ou acusação leviana, sem que nenhum desses acusadores apresente um argumento que comprove seus pitacos. Senão, vejamos, por que muitos dos partidos políticos brasileiros (não vou citar a sopa de letrinhas, porque eles se transmutam em monstrenhos ainda piores) são fundadores ou aliados do Foro de São Paulo? Subscrevendo suas diretrizes? Um organismo internacional criado com o único intento de transformar os países latino-americanos em um único bloco a serviço do comunismo global(1)? Mas a esse imperialismo ninguém, ou quase ninguém, nas tribunas, assembleias e na mídia, tece uma única linha. Há um silêncio mortal, e que parece deixar muitos deles num estado continuamente morredição... E quem se atreve a denunciar, é fascista antidemocrático (sic) e um propagador de fake-news. Essa, sim, a palavra da moda; serve praticamente para tudo: dor de cotovelo, espinhela caída, doença de corno, mas a mais comum dentre

todas é a burrice mesmo, seja do mentiroso ou de quem quer esconder a verdade.

E tudo isso culmina com um número exorbitante de cristãos defendendo partidos e candidatos que são, via de regra, anticristãos, como se fosse a coisa mais natural e coerente a se fazer; algo do tipo, os comunistas são nossos amigos, querem o nosso bem e farão tudo por nós. Mas onde está a lógica? Somente na cabeça de quem, por ignorância ou má fé, é incapaz de avaliar o antagonismo existente entre o Cristianismo e o Marxismo (e suas variantes totalitárias, como o fascismo). O que me leva a perguntar: você, cristão, votaria em um candidato muçulmano, sabendo que esta religião tem perseguido, expropriado, torturado e matado milhares de irmãos mundo afora? E de que, no decorrer dos séculos, matou milhões por recusarem sujeitar-se a Alá? Você diria que eles são amigos, querem o seu bem, e farão tudo por você? Diria?... E afirmaria em alto e bom som: o meu voto é seu? Se, sim, aconselho-o a uma interação harmoniosa com eles, especialmente nos países teocratas islâmicos,

onde você, declaradamente cristão, se sentirá acolhido e em um permanente estado de fraternal interreligiosidade.

Pois bem, junto ao islamismo, o comunismo é a ideologia (e, porque não, a religião, cujo deus é o Estado) que mais perseguiu, expropriou e matou cristãos no século XX e XXI. Mas aqueles que têm Mao, Stalin, Lênin, Castro, Guevara, Chaves, Maduro e Lula por ídolos, jamais reconhecerão o trabalho árduo ao qual se empenharam: o morticínio e o genocídio de populações inteiras de cristãos que não se curvaram ao deus daquele e deste século: o diabo e seus sequazes; os quais falam muito de amor, de caridade, de perdão, mas, na "hora agá", são defensores empedernidos de prisões, torturas e mortes, contra as quais lançam o seu ódio, desprezo, atrocidade e brutalidade. Tudo com aquela cara limpinha de menino arteiro que posa de santinho.

Então, se do ponto de vista moral e ético não posso votar em um aliado do islamismo (lembrando-se de que o Islã tem como objetivo o controle e domínio mundial, o imperialismo do Califado; e a mídia insiste

em nada divulgar sobre o assunto), cujos princípios são opostos e flagrantemente contrários ao Cristianismo, por que raios votaria em um marxista, cujos fundamentos são igualmente contrários à fé cristã?

E, se são declaradamente comunistas ou socialistas, ou outro jargão da novilíngua, defendem causas que obstam a fé cristã, são aliados e promotores dos maiores tiranos ainda vivos (e de muitos já mortos), por que raios está a caminhar junto com eles?... Insisto, é possível, sendo cristão, votar neles (estarão imersos no duplipensar de Orwell)?

O mesmo serve para qualquer outro candidato alinhado com o pensamento esquerdista, o que, convenhamos, em maior ou menor grau, praticamente todos os políticos são, no mínimo, coniventes; significando que o atual nível de estatização do país tem a colaboração, explícita ou implícita, de todos eles. Logo, não há inocentes; todos são culpados em maior ou menor grau, mas o são.

A Bíblia nos exorta à prudência, mas é simplesmen-

te estarrecedor notar que em muitos púlpitos, exatamente aqueles que deveriam aconselhar e orientar a congregação à prudência e sabedoria, apoie a sanha anticristã, fazendo a si mesmos, e aos outros, escarnecedores de Deus. Ao dar ouvido ao inimigo, nega-se definitivamente a fé que se diz abraçar e defender. Sem uma história, ninguém deve ser levado a sério, mas muito pior é dar credibilidade para alguém que a escreveu e está a escrever com sangue, e sangue inocente.

Não é preciso ir ao Sudão, ao Irã, à Síria, Iraque ou Paquistão para reconhecer a perseguição aos cristãos, o quanto sofrem nessas nações, patrocinadas por governos empenhados em erradicar o Cristianismo. Da mesma forma, não é preciso ir à Coreia do Norte, China, Laos, Vietnã ou Cuba para reconhecer a perseguição aos cristãos, o quanto sofrem nessas nações, patrocinadas por governos empenhados em erradicar o Cristianismo.

Porém, esses fatos são relegados ao desprezo, irrelevância e, em muitos casos, tratados com cinismo e dolo, como se o problema não existisse ou,

pior, não passasse de um ataque gratuito da parte dos reacionários e retrógrados. Mas não se deve reagir ao assassinio e morticínio? Ou recuar, ao deparar-se com um abismo?... Ah, mas as estatísticas estão aí para forjar números e dizer que as coisas não são bem assim, de que há um exagero, enquanto os números de mortos do chamado movimento gay, assim como os da Covid, são e foram exponencialmente inflados a fim de defender certos objetivos, fortalecer certas políticas, e abater outros grupos.

Logo, quem não é reacionário e retrógrado diante da ameaça é assassino e suicida, direta ou indiretamente, com a mão na massa ou defendendo e permitindo a outros fazê-lo por si mesmo. No frígir dos ovos, é indesculpável defender regimes e estados fomentadores da morte de milhões de cristãos ou de qualquer outro grupo. Certamente, o cristão não deve se curvar a nenhum outro deus, somente ao único e verdadeiro Deus, o qual se autorrevelou nas Escrituras Sagradas, sob pena de cometer o pecado da idolatria, a qual muitos cedem

e entregam a sua fé, seja Lula, Bolsonaro, padre, pastor, Maomé ou Chico Xavier. Por isso, não há desculpas! Quem vota a favor da morte de inocentes e diz não haver problema, é o cão a voltar ao próprio vômito, e torna-se pior do que já foi. Por mais que se diga e queira se fazer de santo. Por mais eufemismo exista nos termos modernos e neutros. Por mais que a boca diga algo oposto ao coração, a esconder do que ele está cheio. Não existe neutralidade, e os jornais, portais, noticiários e mesas redondas não nos deixam mentir quanto as armadilhas preparadas, a olhos vistos, e alguns insistem em não ver, seja lá qual for o motivo: basta o agrado, afago ou discursinho, para o cego falar que viu o que não vê, e não viu o que deveria e não pode ver.

Pense bem, especialmente você, cristão, se não está a atirar no próprio pé; mas talvez se pergunte: qual pé?!!

Como diz o velho ditado: "quem se mistura com porcos, farelo come"!

Notas: 1 - O Foro de São Paulo, que por anos muitos negaram a existência, é uma organização internacional, comunista e imperialista (redundância das redundâncias) que tem atos constitutivos e organizacionais, atas de assembleias, pautas de discussões, metas a serem alcançadas, e uma lista de membros afiliados formal e oficialmente. Se nada disto é suficiente para demonstrar a sua existência, nada mais é real; tudo é ilusão, inclusive você, leitor.



coluna do

ClodoKill

Fernandes

Existe uma certa urgência no mundo, onde nada pode se assentar, esperar, maturar (além da picanha), estabilizar, quanto mais florescer. Tudo tem de ser para ontem, e não existe espaço para o hoje ou amanhã. São os lançamentos, por exemplo, de novidades que, spoilers a conta-gotas, divulgam-se na mídia até o lançamento, quando já não tem surpresa alguma. Tudo já é sabido de antemão, com direito a fotos, especificações técnicas, críticas para o bem ou para mal. A cada atualização do iPhone, que antes movimentava consumidores às filas e acampamentos diante das lojas, a felicidade do fanboy dura até o momento de sacar o cartão de crédito ou débito e pagar pela "inovação", sem que ela traga um único diferencial nos últimos dez anos. Enquanto isso, os preços sobem na proporção inversa dos avanços.

O caso dos brasileiros é algo ainda mais inexplicável. Qualquer estrangeiro jamais entenderia o que se passa

na cabeça de consumidores e lojistas. Se lá fora, com o salário mensal pode-se comprar à vista o último modelo "pro-max-ultra-supra", por aqui o cidadão médio, aquele que ganha quatro a cinco salários mínimos por mês, traria para casa o jogo de películas, a capinha, o carregador de parede e um adesivo da maçã. Se quiser o celular, terá de pagar em 10, 12, 24 parcelas, racionar a luz, água e gás, além de adiar o reboco da parede para o próximo ano.

Fala-se aos quatro ventos que pobre não tem iPhone, mas entre os meus círculos de amigos, pobres, diga-se de passagem, a maioria tem um modelo de três, quatro ou cinco anos, cuja bateria não segura a carga para usar a calculadora na padaria e tira aquela foto "memorável" em que todos parecem estar no meio de um nevoeiro à noite. iPhone é coisa de pobre, sim, com muito orgulho, mesmo que tenha de passar fome e vender os tickets refeição com desconto de 30%, para quitar uma única parcela.

O mesmo se dá com os carros, apartamentos, pacotes de viagem e o caixão decorado com entalhes de gárgulas na madeira. Praticamente tudo se resolve

com juro e correção, ainda que o custo seja 1.000 vezes o valor do bem adquirido.

Talvez, por isso, o meu vizinho, que acabou de comprar um Jeep Compass zero, mora em um barracão de três cômodos, e às vezes toca o meu interfone para pedir uma xícara de açúcar, café ou algumas gotas de colírio para a irritação provocada pela fumaça do fogão à lenha, que diz ser a melhor e mais saudável forma de cozinhar o seu miojo; sempre pede ao caixa do supermercado três sacolinhas extras para embalar o lixo da coleta. Nesses dias, quase sempre é visto recolher latinhas na vizinhança, e quando o peguei revirando o meu lixo, disse que era ecologista e estava ajudando a preservar o planeta. Olhei para o carro na garagem, que ele tirava às sextas e sábados, e quase me dei conta de que bem poderia ser o sol ou outra estrela, talvez seja o oxigênio do vizinho... Mas, como a minha avó sempre dizia: "Em festa de jacu, inhambu não pia".

Ah, quanto à urgência do mundo, se você não percebeu, desviei-me completamente do assunto e vou deixá-lo para outro texto, se não houver algo mais urgente a escrever.

PORQUE ADORO CONTAR HISTÓRIAS

Rosemare Rocha

Meu marido diz que tenho boas lembranças para relatos. Se assisto a um filme, quase sou capaz de contar toda a sequência de cenas e de diálogos dele, o que deixam o meu filho e ele praticamente desesperados, a pedir em coro para que eu pare de contar. Por outro lado, em se tratando de filme, episódio ou qualquer coisa que eles já saibam e queiram relembrar, principalmente em cenas inteligentes, bons roteiros ou passagens muito engraçadas, se deliciam em me ouvir contando tudo de novo. E olhem que não economizo nos diálogos, nas imitações e gestos. Dou até mesmo saltos, faço caretas, etc, só não me atrevendo às cambalhotas, ainda mais na minha idade. Pareço ter menos, as pessoas dizem, meus filhos dizem, mas de vez em quando dói tudo da sola dos pés para cima. Antes me desculpava, dizendo que se tratava da força da gravidade, mas meu marido e meu filho, mais afeitos a certos aspectos científicos e tecnológicos, destruíram minha desculpa esfarrapada e tão conveniente: a gravidade não é uma força! Não entendi bulhufas!

Enfim, tenho lembranças de filmes, de peças de teatro, não tantas, de coisas acontecidas com os outros, comigo mesma. Tenho, confessadamente, preferência em lembrar de circunstâncias muito engraçadas, capazes de arrancar gargalhadas sufocantes, mas também de crimes escabrosos. Adoro assistir aqueles canais de investigação, onde alguns são desvendados e outros permanecem insolúveis. Assistio e falo em

voz alta, quase sempre assim: "desgraçado! Filho da p*! tá queimando a essa hora no inferno! Jamais deveria ter nascido", e desabafos ainda mais sinceros e menos publicáveis.

Trabalhei desde a adolescência em condições tão diferentes que, como diz meu esposo, ele nunca viu ou passou por situações tão humildes e às vezes humilhadoras (não humilhantes, humilhadoras mesmo!). Nesta longa saga, conheci as pessoas mais filhas da mãe do mundo, em geral, mulheres, e alguns homens, mas também muitas justas, generosas e bondosas. Graças às primeiras, aprendi a fugir das pessoas más, e graças às últimas cheguei até onde cheguei, às quais sou muito, muito grata mesmo!

Bem, trabalhei em algumas casas de família, como babá, cozinheira, etc e etc. Trabalhei em restaurantes, açougues, e... uma hora conto sobre cada um desses empregos e trabalhos. Por ora, contarei o caso que parece ser uma anedota, similar a uma piada corrente entre os homens, principalmente.

Trabalhei na lanchonete do antigo fórum Lafaiete, em Belo Horizonte. Advogados, muitos, especialmente os que se tornaram promotores e juízes, estão sempre a exhibir o rei que consideram ter na barriga e não pestanejam em exigir e mostrar certo abuso em relação às pessoas de trabalhos mais simples. Certo dia, um desses reclamou comigo do bife, que não estava afeito ao seu paladar. Peguei o prato e o levei à cozinha para ser trocado ou corrigido. A cozinheira observou pela janelinha do saguão; e no dia seguinte, lá estava ele, religiosamente no mesmo horário, com a mesma cara de freguês disposto a se tornar o maior entre todos os reclamões da magis-

tratura. Ela era uma mulher de temperamento forte, mas de força física talvez ainda maior, com braços capazes de virar a sujeito ao avesso; pegou o bife cru, levantou o vestido, e o esfregou nas suas partes íntimas, pôs na frigideira, e, após terminado, me chamou dizendo: "entrega para ele. Hoje ele vai gostar!". Sem palavras (dizer o quê?), obedeci, e o servi. Passado o seu lento almoço, me chamou, e eu pensando em ser novamente a entregadora de outra reclamação, ouvi-o, quase sem acreditar:

– Diz para a sua cozinheira que eu nunca comi um bife tão saboroso como este!

Deu tapinhas de aprovação na barriga, pôs-se a palitar os dentes, com o semblante extasiado e satisfeito.

E eu sem entender nada.



Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com

EM BUSCA DO FLIPERAMA PERDIDO

Sammis Reachers

Durante minha infância e primeira adolescência, talvez o prazer maior, dos muitos que tínhamos, mesmo pobres, eram os games. Digo muitos prazeres pois na época (e isso a juventude de hoje precisa recuperar) dosávamos as atividades ao ar livre com as virtuais. Dentre as diversas amizades comuns à idade, cresci mantendo um núcleo principal de três amigos – Wilson, Ronaldo e Ronilson – amizade que dura até hoje (tenho 41 aninhos já). Jogar nos consoles era ótimo, mas a experiência mais gratificante era, com certeza, os fliperamas. Primeiro porque a qualidade dos games era melhor: se em casa eu me debatia com um Phantom System, console nacional da Gradiente que operava o sistema Nintendo 8 Bits, ligado numa pequena TV em preto-e-branco, nos Arcades eram placas do então poderoso, quase divino, Neo Geo, e outras placas (e jogos) fenomenais da Sega, Capcom, etc.

Eu e meus amigos nos dígladiávamos para conseguir dinheiro para jogar algumas fichas. Era algo religioso: não podíamos passar um dia sem "pranchar" ou "apertar uma ficha" – as gírias locais para jogar uma partidinha. O ritmo era de franca fraternidade: aquele que possuía grana no dia pagava para os outros. Com pena, mas pagava... Por vezes, catávamos ferro-velho (reciclagem) para conseguir algum money. Certa vez, desconhecedores das leis ambientais, fomos para a mata cortar lenha para vender a uma padaria que mantinha um forno à lenha (graças a Deus, hoje os fornos são elétricos ou a gás!).

Quantas aventuras e andanças, em nossas velhas bicicletas ou no poder das finas canelas, em busca de novos fliperamas que abriam aqui e ali, e novos jogos que de quando em quando chegavam! Amigos, naquele tempo o momento máximo da experiência com Arcades era jogar numa cabine para QUATRO JOGADORES. Isso mesmo: elas eram raras e enormes, pois apenas alguns jogos (geralmente de beat'em up) permitiam tal "luxo". Como era maravilhoso chegar no maior fliperama das redonde-

zas, ou ir até o shopping no centro da cidade de Niterói (RJ), em conjunto com meus três amigos, e poder jogar Tartarugas Ninja 2, Captain Commando, X-Men ou mesmo Cadillacs and Dinosaurs. Era um pandemônio, um arranca-rabo, um salseiro danado!!!

Cada um tinha seus personagens certos para jogar. E a jogatina tinha lá sua estratégia: eu era quase sempre o melhor jogador; assim, eu e mais um cuidávamos dos chefões, enquanto os outros cuidavam da arraia-miúda, os retardatários que enchiam a tela na parte dos chefões. Por ser o melhor jogador, às vezes eu jogava com o pior personagem, para equilibrar a aventura (no Captain Commando, era o Baby; no Cadillacs, era a mulher ou o Jack). Eram exercícios de estratégia em conjunto, fraternidade e empatia. A regra era não deixar o companheiro ser moído na pancada!

Pois hoje há quem diga (e acredite: naquela época também!) que os games são instrumentos de solidão, que encerram jovens em seus quartos e corações. Não creio nisso. Fiz dezenas de amigos de perto e longe em minha juventude, apenas frequen-

quentando fliperamas ou trocando (por empréstimos) fitas de videogame nintendinho, depois CDs de Playstation 1 ou mesmo Dream Cast.

A amizade com meus amigos fortaleceu-se em muito, devido a essa convivência gamemaniaca. O tempo gasto com jogos era tempo em que permanecíamos juntos, estreitando nossos laços, nos conhecendo melhor, rindo, discutindo, sendo mais humanos.

A Bíblia diz que há amigo mais chegado que irmão. Esses meus amigos, os Três Mosqueteiros do Jardim Nazareth (eu era o D'Artagnan) foram, e de certa maneira são, os irmãos que não tive, e devo isso em parte aos games. Nossa relação se tornou mesmo familiar, e minha casa era cidade aberta onde eles vinham praticamente todos os dias: dois deles, irmãos, perderam a mãe na infância e o pai, desequilibrado, os renegou; outro perdeu o pai igualmente ainda na infância. Hoje os três, mesmo absorvidos pelas responsabilidades da vida adulta e morando um pouco distante uns dos outros, não deixaram de jogar seus consoles, e todos iniciaram seus filhos no mundo dos games, e jogam com eles,

mantendo a corrente, construindo estratégias em conjunto, se divertindo, dando do que da vida não receberam e sendo o que pais e filhos devem ser: amigos.



Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



www.kalamoseditora.com.br

O HOMEM MAIS DESEJADO DO PAÍS

Ele não era necessariamente feio, mas apenas sem graça. "Sem sal", como diriam popularmente. Realizou até uma operação no nariz, tirando um pedaço e afinando a ponta; fez harmonização facial, clareamento da pele, tratou dos cabelos e dos dentes e tomou muitos shakes para ficar mais bombado, porque queria ser como os Beatles, com as mulheres enlouquecidas gritando e correndo atrás dele, mas não adiantou muita coisa: passaria despercebido em uma fila com duas pessoas, num consultório médico, mesmo estando em primeiro lugar.

Amargurado, resolveu procurar os conselhos de uma vidente de sua cidade, e após analisar profundamente o relato

do rapaz, lhe disse que a solução seria encontrar um lugar onde só houvesse homens feios. E assim começou a sua peregrinação pelo país afora.

Procurou por localidades onde a carência de alimentos repercutia na má formação física dos indivíduos, e havia muitos lugares com essa característica, em um país marcado por uma gritante desigualdade social, mas a feiura dos cidadãos era compensada pela sua alegria, pelo bom astral, e assim muitos faziam sucesso debochando da própria desgraça, o que atraía o interesse das mulheres mais voluptuosas, enquanto o desolado rapaz continuava a ver navios.

Ele tinha um papo ruim, ficava perguntando sobre questões pessoais mesmo com desconhecidos, e se mostrava consternado ao ser ignorado no trabalho, na vizinhança e nas raras festas de parentes que conseguia entrar

quase como um penetra.

Chegou a fazer cursos de standup para ver se melhorava a sua abordagem, mas o enredo era chato e isso afastava ainda mais as pessoas.

Um belo dia, estava andando a esmo pelas ruas, depois de contabilizar mais um insucesso sentimental, momento em que pensava numa forma de abreviar a sua estadia no planeta, quando viu um prédio em chamas. Os bombeiros ainda não haviam chegado e as pessoas gritavam muito, olhando para uma janela do penúltimo andar, que começava a ser alcançado pelas labaredas de fogo e por uma grossa fumaça preta, e lá havia uma criança, que gritava e chorava desesperadamente.

Ele conhecia o prédio vizinho, onde fora realizar um orçamento para a limpeza do terraço, e sabia da existência de uma comunicação com o outro edifício atra-

vés de uma portinhola ao fundo, trancada somente com um ferrolho. Dirigiu-se até lá com certa facilidade, atravessou a mureta que separava as edificações e desceu por uma viga na parte externa, ganhando a varanda do apartamento. Ainda sem maiores dificuldades, arrombou a porta onde estava a criança, pois os pais a haviam trancado enquanto ela dormia, para ir ao supermercado. Ele a pegou no colo, abriu a porta da sala, que estava com a chave no tambor, e subiu pela escada de incêndio até o terraço, retornando pelo prévio vizinho. Mas ficou surpreso ao constatar que ninguém havia pensado nessa solução simplória.

Foi recebido como um herói. Suas fotos saíram em todos os jornais do país, e foi difícil conseguir atender a todas as entrevistas para as quais fora convidado. Foi recebido pelo Prefeito, pelo Governador,

dor e até pelo Vice-Presidente.

Teve que recontar centenas de vezes como teria sido a sua atuação no episódio, destacando que havia ocorrido sem maiores complicações, mas acabaram tomando o seu discurso como sendo de imensa modéstia, e assim foi convidado para participar de reality-shows, de comerciais na TV e na internet, apareceu em vários outdoors pelo país, e fez até pequenos papéis em novelas, conquistando uma legião de fãs, que se mostravam apaixonadas. Mas ele escolheu a Roberta, uma garota tímida e sem maiores atrativos, com quem se casou e teve três filhos relativamente feios, vivendo uma vida pacata de classe média, até completar 78 anos, dois meses e oito dias, quando não mais acordou de um cochilo após o almoço.

Michel Salomão

O HAVER ALGO A SER DITO

Luiz Libório Alves da Silva

Eu gostaria de ser lido por todos os seres humanos que existiram, que existem e que existirão, inclusive pelos analfabetos, por aqueles que possuem nojo às palavras, por aqueles que não têm olhos, por aqueles que tendo um cérebro agem como se não tivessem.

Eu gostaria de ser lido de forma tão ampla e absoluta que os meus textos se imprimissem na própria constituição do que é a humanidade.

No entanto, eu sei que os meus textos estão muito mais próximos de serem lidos por ninguém do que serem lidos por toda a humanidade.

Entre ninguém e todos, há dois, três, quatro, cinco leitores que me consolam ao mesmo tempo de não ser lido por ninguém e também de não ser lido por todo mundo.

O que nos separa do cheiro de sangue de cada um é a pele. Do mesmo modo, o que separa o cheiro do meu sangue, estas palavras, dos narizes do mundo é esta página.

Não cesse de bombear, coração, o haver algo a ser dito.

ENTRE O SIM, O TALVEZ E O NÃO

Helvécio S. Pereira

Que vantagens há em vivermos justamente no lugar em que vivemos? Falo de lugares geográficos e sistemas políticos. Em época de conforto, que jamais houve na história humana, nos damos ao luxo de reclamar do calor e de frio, enquanto as soluções baratas e acessíveis estão à mão para ambas as situações. Não morremos de fome, pelo menos a imensa maioria da humanidade, nem por falta absoluta de comida, ou porventura um alimento a trazer repulsa e nojo. Sim, porque afora o fogo e certos condimentos, a simples aparência dos alimentos e das condições em que eram processados faria qualquer um de nós, homens e mulheres modernos, confortavelmente instalados, ecologicamente conscientes, e "mimizentamente" chatos, simplesmente preferir a morte precoce, por fácil inanição, em lugar de ingerir certas "iguarias".

Mas não são somente essas vantagens óbvias e praticamente ignoradas pela vaidosa população contemporânea e, reconheçamos, idiota, que nos torna irritantes aos olhos de quem esteja a nos ver de fora, se é que existe algum observador extraterrestre. A comunicação é decididamente mais rápida em todos os aspectos. Não que as pessoas, tirando o verniz frágil da modernidade e da tecnologia, sejam claramente mais sábias, pois não são. Idiota é uma palavra latina, e há dois mil anos eles, os idiotas, eram chamados exatamente pelo que eram: idiotas. Os idiotas são os mesmos, e talvez pela possibilidade estatística de não os ser, são duplamente responsáveis por sê-los: mais idiotas do que nunca.

Segundo os gregos, existimos para pensar. E os gregos sofriam de uma bipolaridade intelectual. Eram geniais em tantas coisas e imbecis em outras tantas. Mas estavam certos em muitas das primeiras. Hoje, poderíamos pesar melhor e não o fazemos. Não que não façamos ou, pelo menos, tentemos, em coisas tidas por complexas e distan-

tes. O fazemos. Sonhamos, uns poucos entre bilhões, em criar um motor de dobra espacial, ultrapassarmos a velocidade intransponível da luz e chegarmos a todos os cantões do universo, para caso esse delírio fosse possível e se realizasse, fazermos lá todas as merdas ou ainda mais merdas que as realizadas aqui em nosso planeta com nome de deusa movediça dos pântanos de Aquerúsia, a Terra. Pensamos em teoria das cordas, matéria e energia escuras, fantásticas, se existirem como descritas, mas inúteis para um indivíduo mortal que, quando chega ou ultrapassa os oitenta, noventa anos, baba, gagueja, urina nas roupas e até defeca sem controle. Sem contar as fraldas, que quando criança não conseguia colocar, e o processo se repete novamente.

Somos terrivelmente orgulhosos, tendo todo o conhecimento para sermos humildes verdadeiramente e não somos; nenhum de nós é, mesmo quando, por algum esforço inexplicável, tentamos reconhecer e nos deparamos, de novo, em busca dos primeiros lugares, enquanto estamos

nos últimos. Até mesmo dizer certas coisas revela o quanto carecemos de profundidade, emoção, sentimento, incapazes de reconhecer o que elas deveriam fazer em nós, e não deixamos pela própria volatilidade da alma.

Olhando para trás, não sei vocês, mas sinto isso muito mais agora do que antes, de forma tão clara que começo a mostrar, sentir mesmo que tenho aprendido algo importante, recompensador e de valor real a cada dia, quando inexoravelmente o tempo vai se esgotando e resta-me menos anos a serem vividos do que todos os que já vivi.

É de fato paradoxal que, ao mesmo tempo, posso contemplar todas as coisas ao meu redor e menos tempo terei para usufruí-las, sem a certeza, quero dizer, esperança, de deixar uma contribuição concreta e efetiva a quem vier depois, seja um aviso, conhecimento, experiência ou fé.

No final de tudo, muito mais do que deixamos ou fizemos, importa quem somos e, especialmente, quem somos para Deus.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

A situação está preta, ops!, digo, não branca, e nada fácil.

Estava à mesa, calculadora em mãos, as contas esparramadas em camadas e grupos de prioridade, enquanto assistia ao pronunciamento do presidente. Lá pelas tantas, depois de enrolar e não dizer nada com nada, declarou haver uma única arma para conter o aumento dos preços e a inflação: o povo se mobilizar. Naquele momento, quando não havia escolhido $1/3$ das contas, restavam uns poucos reais do salário, e não sabia se pagava a prestação do chuveiro ou do colchão, pensei: será que esse velhaco descobriu quem

nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Por algum motivo, ganhou a minha atenção, ainda que ela estivesse soterrada em camadas e mais camadas de pessimismo. Político só é solução para si mesmo.

Olhando a câmera indolente, o presidente empilhou duas ou três camadas a mais sobre a minha esperança. Ao abrir a boca, imaginei um garotinho de quatro anos pilotando uma "Harley CVO Limited"; era desastre na certa.

A ideia consistia: os itens caros deveriam ser substituídos por outros mais em conta. Se o filé está caro, come salsicha. Se a maçã está cara, come banana. Se o arroz está caro, come farinha. Se a gasolina está cara, ande de ônibus... A sequência de exemplos não tinha fim, e parecia a lista de coisas, tanto as principais como as substitutas, impossíveis de o brasileiro médio comprar. Quem dirá os não médios, para não utilizar expressões canceladoras.

Dessa forma, concluiu, o povo forçará os empresários a baixarem os preços dos produtos. Eu nunca estudei economia, mas, segundo a ideia do

mandatário-mor, se a laranja está pela hora da morte, comamos pera, mas o que acontecerá com a pera? Ela subirá também. A questão é de oferta e demanda. Se a pera encarece, comamos outra fruta mais em conta. Se tudo estiver caro, não coma!

Alguém pode dizer que a ideia é brilhante. Talvez brilhante seja você conseguir ler este texto e entendê-lo. A artimanha, algo peculiar dos políticos e gestores públicos, é lançar o ônus sobre o cidadão que, estafado com impostos e taxas, ainda tem de fazer o serviço sujo e porco que caberia ao... governo. Na verdade, ele lança o conceito, sem qualquer fundamento plausível, e os burros de carga é que se virem em solucionar o problema que ele, governo, criou e não sabe administrar.

Com a carga tributária escorchante, os juros ídem, as taxas de serviços estratosféricas, os gastos do governo batendo os patamares mais elevados das últimas décadas, déficit negativo e a economia estagnada, resta ao consumidor fazer uma hortinha em casa, criar as próprias galinhas, ou

comer o mato dos parques e praças.

Por falar em déficit, uma das ilustres mentes do governo disse que déficit não é déficit, e o fato de gastar mais do que se arrecada não significa saldo negativo. Acho que essa digníssima senhora não sabe nem a hora em que está com dor de barriga, quanto mais ter alguma habilidade com números. Onde já se viu receita menor que despesas resultar em saldo positivo? E ninguém a tirou da coletiva em uma camisa de força, meu Deus!

Isso me faz lembrar da época em que, na década de 1980, certo governante chamou a população para fiscalizar os preços e denunciar os empresários que remaravam os produtos, duas, três vezes ao dia. Mas se esquecia de dizer que a remarcação tinha uma causa: a inflação de 80% ao mês, que o governo dizia ser culpa dos empresários, os mesmos culpados agora. E o cidadão, neste jogo de empurra-empurra, é quem tomava os trancos. Como na fábula de Esopo, "A galinha e ovos de ouro": a ganância faz o governo "matar" o povo e,

com isso, deixa evidente a burrice generalizada, e acaba por colocar tudo a perder.

Parece que nunca estaremos prontos; estamos sempre em um fluxo de incapacidade, retardo e pernóstico. Sempre incompletos e nunca dispostos. Vivemos ainda dos espelinhos, lencinhos e miçangas dos "portugueses", em troca do ouro, e para as regalias dos novos colonizadores, que, diga-se, não enfrentaram adversidades e perigos, pois ganharam dos antecessores os súditos que não mereciam, mas aceitaram prontamente. A máxima do "a cavalo dado, não se olha os dentes".

Alguém pode dizer: você é um chato! Só encontra problemas, mas não tem nenhuma solução. O que pode ser feito?

Quanto a mim, não tenho muito o que fazer, estou velho, cansado e minha esperança, definitivamente, não está neste mundo. Quanto a você, se tiver tempo e condições, mude de país. Não tenha vergonha. É preferível ser estrangeiro em "terra estranha", do que devoto do capeta. Não

que o capeta não mereça, pois tem gente que deve tudo a ele e merece tanto quanto ele. A questão é que, como no "Fausto de Goethe", o preço é a alma. E mesmo que ela não valha nada, o tihoso a quer mesmo assim. Afinal, ele não é exigente; e na fábula do "Lobo e do Cordeiro", quem não tem argumentos, afia os dentes.



A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1195
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 984821525

UM SONHO BESTA

Eu tive um sonho. Mas não tem nada a ver com a célebre frase proferida por Martin Luther King: sonhei que era mais jovem, solteiro, cabeludo (sensação estranha), e estava em um ônibus, indo para não sei onde, quando entrou um assaltante, que começou a roubar os passageiros. Não me lembro os artifícios que utilizei para que conseguisse fazer com que ele saísse do veículo sem me roubar, mas pedi para que o motorista fechasse imediatamente a porta e enfiasse o pé no acelerador; porém, o meliante ainda conseguiu se pendurar na janela do fundo, se apoiando no parachoque. Sugeri ao motorista jogar o volante de um lado para outro, acelerar e frear bruscamente, para tentarmos nos livrar do incômodo passagei-

ro, mas ele disse que não precisava, que era tranquilo - devia ser um progressista, defensor dos bandidos -, e assim, na próxima parada, o salafrário voltou a entrar no veículo, ao mesmo tempo em que consegui sair por uma das janelas. Ele desceu logo em seguida e, dali em diante, empreendi uma fuga desembestada, com o assaltante sempre no meu encalço.

Em determinada esquina, encontrei com o meu amigo Jorge, coeditor desta Revista, que estava visivelmente desanimado. Conversamos rapidamente, sem que eu pudesse saber a razão do seu desalento, talvez a falta de retorno dos leitores ou o desinteresse da crítica, mas o aconselhei a sair dali, pois o criminoso não tardaria a chegar, e assim o fez, enquanto descí uma escadaria que terminava em uma galeria, com várias lojas que comercializavam produtos do tipo "heavy metal", onde pensei em me esconder, mas seria facilmente identificado no meio daqueles malucos. Embrenhei-me por ruas e becos, até chegar no meu cafofo, que con-

sistia em apenas um quarto e um banheiro. As paredes eram brancas, havia uma cama de solteiro encostada na parede e, do lado oposto, um armário branco que ia até o teto, com duas portas de correr. Dentro do armário havia poucas roupas, um notebook velho com vários fios meio embolados e três fantasias de carnaval, cuidadosamente penduradas nos cabides, consistindo em calça, blusa e um acessório para a cabeça. Eu nunca gostei de carnaval e não entendo como aquilo foi parar ali, mas, afinal, era apenas um sonho e resolvi prosseguir. Somente então me dei conta de que o quarto havia sido revirado, e em uma das portas o meliante escrevera várias coisas, em tom de ameaça, com caneta hidrocor azul.

Chamei a polícia, para fazer uma ocorrência e justificar a rescisão do aluguel do imóvel, preocupação mais idiota para quem está sonhando, típica de um bacharel em Direito, e assim resolvi rever alguns trechos desses acontecimentos para poder reescrevê-los, pois

havia observado pequenas falhas de percurso, e pretendia melhorar algumas partes, principalmente aquelas relativas à perseguição, que estavam me parecendo cansativas. Voltei várias vezes, desde a cena inicial, e acabei acordando sem que pudesse chegar ao desfecho. Psicólogos da linha Freudiana, ou pior, de Melanie Klein, haveriam de desenvolver alegóricas teorias acerca desse "filme", encontrando conotações sexuais, sintomas de frustração, de desejos mórbidos e outras associações malucas, quando tudo não teria passado de um devaneio chato e bobo que preferia ter esquecido.

Michel Salomão





Gilberto Resende

Estava meio ressabiado em falar com minha mulher, não sabia qual seria a sua reação, mas como nossa relação sempre fora pautada pela confiança e sinceridade. Resolvi contar que estava participando de um grupo de mulheres leitoras em SBS, o qual se reunia uma vez por mês em lugares diferentes da cidade e nesses encontros discorriamos sobre o conteúdo de um livro, título previamente escolhido para esse fim, onde apresentávamos nossas impressões, inquietações e dúvidas, sobre que o fora lido. Após, tínhamos um momento de confraternização, com salgados, doces e outros quitutes. Então ela me perguntou o porquê, já que nunca tinha participado de um grupo dessa natureza antes. No que expliquei, que sozinho na cidade, depois de dias após dias, praticamente sem conversar com ninguém,

ficava, às vezes, até 20 horas sem trocar uma palavra com alguém. Situação que só era quebrada quando ia ao supermercado, o caixa se transformava no meu mais fiel confidente, mas como a fila tinha que andar, voltava sempre à minha condição de "sem conversa".

Numa manhã de sábado, lendo o jornal da cidade, tomei conhecimento do grupo e do encontro, aberto ao público, tanto feminino como masculino, ressalvada apenas a idade mínima de 16 anos e que seria naquele mesmo dia, então fui, receoso, mas fui. Ela insinuou se não era uma desculpa para eu ficar de gracinha com as polaquinhas de olhos azuis. Prontamente neguei e expliquei que se tratava de um grupo de mulheres casadas, mães, avós, pessoas idôneas e de proeminência social consistente. Enquanto ainda falava, pensei comigo: o que faz com que mulheres tão inteligentes, maduras e realizadas liguem o ciúmetro? Dá um apagão? Pois que chances teria um sexagenário, portador de alopecia capilar, sem salário ou maiores honorários, com polaquinhas de olhos azuis?

Ela insistia, querendo saber se nenhuma tinha se en-

graçado comigo, no que falei que a mais ousada me deu uma bengalada na perna para perguntar se eu queria chuchu. Perguntou o que significava chuchu, alguma gíria local, etc. Não, eu disse, chuchu, hortalíça, entendeu? Quis saber quem era esta atrevida e eu falei que era a Omilde.

– Humilde! Exclamou ela e continuou: Imagine então a mais...

Antes dela terminar, eu falei que Omilde, com "o", era um nome de uma das participantes, não humilde.

– Ah! Disse ela, sem muita convicção.

Fez-se um silêncio e neste momento finalmente caiu a ficha e ambos começamos a rir muito da situação. E novamente a paz volta a reinar, neste maravilhoso mundo de marido e mulher.



Gilberto Resende é escritor, professor, marceneiro, colecionador e restaurador de miniaturas.
gilbertofresende72@gmail.com

O VELHO E A MARIQUINHA

Natan de Oliveira

...

Ele vivia no Siqueiro.

Sim, meu Bisavô.

Nicolau Francisco Martins.

Barba branca hirsuta.

Olhos entristecidos pela dureza da vida.

Rugas da vida espalhadas ao redor dos olhos.

Seu pai tinha sido apenas uma geração
passada, rico e próspero.

Com a abolição da escravatura seu mundo
mudou radicalmente.

Ainda tinha terras, mas não tinha mais
escravos nem capital.

Toda a família precisou ir para a lavoura.

Ele culto e letrado.

Com a mudança do paradigma do mundo, os filhos não tiveram o privilégio da mesma educação refinada.

Seus filhos rapidamente foram enviados para cuidar da lavoura e endurecidos pela enxada no labor de sol a sol.

Permaneciam a casa grande, as terras, a família e a fé.

Com grande tristeza chegou aos seus ouvidos já velho a notícia que a filha Mariquinha (nome carinhoso dado para as que se chamavam Maria), tinha se tornado crente.

Daquelas da Assembleia de Deus de antigamente.

Cabelo sem cortar.

Sem maquiagem.

Despojada de cuidados com a beleza.

Mas com fervor pentecostal a ponto de falar em línguas estranhas pelos cotovelos.

O velho não aguentou...
A tristeza o derrubou.

Afinal sua filha predileta, havia abandonado a verdadeira fé na Santa Igreja Católica Apostólica Romana e da devoção em hiperdulia da Santa Virgem Maria Mãe de Deus.

O velho ficou prostrado de tristeza e ira.
E disse em ira e lágrimas "Minha filha Mariquinha morreu!"

E assim ficaram por anos.
Sem se falar...

Ela em Tubarão proibida de aparecer na sua frente
e de visitar seus pais.
Ele resignado, parecendo ainda mais velho e triste.

Dividido entre pensamentos de amor, logo
afugentados por uma ira piedosa.

Os anos se passaram.

O sol nasceu e se pôs por centenas e centenas de vezes.

O velho rezando.

A filha orando.

O velho em respeitosas Ave Marias ditas com devoção e fé.

A filha com orações fervorosas, com lágrimas e muita língua estranha.

Foi então que o velho adoeceu.

As "curandeiras" locais não deram conta.

O médico de Laguna demorou para chegar e quando chegou o diagnóstico foi sem esperanças.

Ninguém sabia o que ele tinha.

Não havia cura para o que não se sabia.

O velho de cama.

A notícia se espalhou.

E em Tubarão chegou a notícia, "Vovô Nicolau está morrendo...!"

"Sim, desenganado pelo Doutor..."

"O padre já está de prontidão para dar a extrema unção..."

Mariquinha, imediatamente manda buscar o velho.

Com muito cuidado e zelo contaram para o velho que a Mariquinha mandara buscá-lo para Tubarão.

O velho nem forças mais tinha.

Num gesto com a mão meio que disse "Que seja!"

E assim prontamente preparado um carro de boi, lá foi, entre cobertores e travesseiros, acomodado e deitado o velho triste.

E o carro do Boi foi devagar emitindo aquele som de madeira miando, que só os antigos saberão identificar como é, já que hoje os bois não vivem mais na cidade e nem mais é permitido que tais veículos circulem nas mesmas.

A viagem durou horas, a distância é relativamente pequena para os dias de hoje, mas o passo do boi era miúdo e devagar.

O boi sem pressa não sabia que as portas do morte se aproximavam do velho.

E indiferente seguia na sua velocidade.

Chegando em Tubarão, imediatamente Mariquinha assumiu o comando de todos.

E à todos dava ordens...

E o velho foi acomodado no quarto próximo à cozinha, onde eu vi quando criança minha avó passando roupas algumas vezes.

Cama simples.

Móveis de madeira simples.

Um roupeiro daqueles antigos que se eu fecho os olhos ainda consigo visualizar.

Tudo muito simples e pobre.

Os outrora orgulhosos e ricos da família Martins, agora viviam na total simplicidade.

E ali o velho ficou deitado.

Em silêncio absoluto, resoluto deixando claro que estava ali contra a sua vontade.

E a rotina começou.

Muito chá de ervas que Mariquinha para ninguém contava para o quê serviam.

Nenhum de seus filhos herdou este dom da Mãe.

O nome era Homeopatia.

Mas ela tinha um livro velho do assunto.

E lá tinha a descrição para a cura de quase tudo.

Cuidava do velho de sol a sol e de noite e de madrugada também, sentada numa cadeira ao lado da cama, ou na frente do fogão preparando algo para

ele comer, ou bem perto do velho que bastava um suspiro dele que ela já estava ao seu lado.

Com o tempo o coração do velho começou a ruir, mas ele manteve a aparência de turrão.

Não iria trair a fé de nosso Senhor Jesus e da Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Quase que diariamente, no início da noite todos os filhos da Mariquinha se aproximavam e no quarto do velho cantavam hinos cristãos, riam, comiam canja de galinha, ou galinha ensopada, farofa de banana, pirão d'água de farinha azeda com linguiça, liam Salmos, oravam em línguas e choravam.

Tudo ao mesmo tempo e misturado.

Na saída pegavam a mão do velho ("A sua benção Vovô?") beijavam e no início fraco e sem falar, ele nada dizia.

Mas depois ele passou a dizer "Deus abençoe...!"

Ninguém sabe quanto tempo passou.
Mas foram meses e meses.

Muita sopa, chá, ervas, cuidado, orações, leitura bíblica, choro, riso, gargalhadas, tudo ao pé da cama do velho...

Até que um dia ele ao receber o beija mão de uma neta disse "Deus te abençoe, minha filha..."

O "minha filha" chamou a atenção de todos, embora todos tenham disfarçado e fingido que não tinham percebido.

Mais tarde depois que todos iam embora, era o "pior" momento para o velho.

Dois quartos ao lado era o quarto da minha vó Mariquinha.

E ela antes de dormir, dobrava os joelhos e orava uma hora sem parar, em voz alta...

Dava para ouvir sua voz forte e grave de contralto baixo ressoando por todas as paredes da casa de madeira fina...

Orava por cada filho, neto, neta, genro, orava pelo velho, citando nome de cada um deles...

Na escuridão do quarto o velho nos primeiros dias ficou perplexo.

Como podia orar tanto a Mariquinha...?

Não bastavam os cultos e reuniões ao pé da sua cama lotando um quarto que tinha uns 3 metros por 5 metros no máximo?

Ainda orava das dez horas até perto das onze...?

Eu dormi algumas vezes no quarto que ficava entre o quarto da minha vó e do quarto do meu bisavô e tive a mesma experiência.

Ninguém pode esquecer o "aleluia" que minha vó

proferia.

Difícil escrever como era.

Mas vou tentar...

Era mais ou menos assim...:

"Álelôôôôia, Álelôôôôia, Álelôôôôia!"

Com um fervor e uma impostação de voz que eu vi poucos fazerem com naturalidade, mas que alguns de seus filhos imitavam sem tanta autoridade piedosa.

O velho inicialmente no quarto com espanto ouvia, depois foi se quebrando emocionalmente aos poucos.

Os meses passaram e ele para espanto de todos do Siqueiro, ficou bom.

Um dia, já curado, ainda com certo orgulho, mas por dentro totalmente quebrantado pelo carinho de todos e em especial por Mariquinha que naqueles meses todos, absolutamente tinha dito seu nome todos os dias diante de Deus em oração fervorosa...

Mandou que da fazenda fosse trazido seu cavalo, um corcel preto de pêlo brilhoso e escorrido.

No dia da despedida, todos vieram se despedir do velho.

Ele abençoou a todos...

Abrçou a filha Mariquinha disfarçando as lágrimas.

Montou no cavalo arisco por causa da saudade do carinho e da voz do velho, e que sentido o cheiro do dono, deu um giro de 180 graus que o velho inteiramente domou, mostrando toda a sua força restabelecida.

Então finalmente ele disse o que estava engasgado na garganta e que o orgulho tinha travado...

E em voz alta, máscula, e autoritária exclamou para todos os seus netos que em despedida esperavam que ele partisse naquele cavalo que com ele formava um par altivo.

"Que NUNCA MAIS alguém ridicularize a fé da minha FILHA Mariquinha na minha frente! O Deus dela é o mesmo que o meu Deus! NUNCA MAIS alguém se atreva a falar da fé e do Deus da minha filha...! DEUS TE ABENÇOE MINHA FILHA...!"

Com as pernas apertou os lombos do corcel e saiu altivo em galope ligeiro...

...

A partir daquele dia a filha voltou a ser filha, o velho voltou a ser Pai...

Cada um respeitando os limites dos paradigmas da fé de cada um.

Ele continuou católico romano com devoção, piedade e muita reza.

Ela continuou crente pentecostal com fervor, línguas e muitas orações.

As famílias passaram a se visitar indo para lá e para cá, do Siqueiro para Tubarão e de Tubarão para Siqueiro.

E ele viveu ainda alguns anos, foi no casamento da filha mais velha da Mariquinha.

Tenho foto deste momento.

Numa Igreja Evangélica da "Assembléia" de Deus, que na época tinha acento gráfico.

E o velho não se furtou em lá estar para honrar sua amada Mariquinha e sua neta Luíza.

E assim cada um dentro dos limites da sua fé, de alguma forma deixaram o amor triunfar.

Muitos anos se passaram e eu visitei sua sepultura na Pescaria Brava, logo atrás à esquerda da antiga Igreja Católica que lá está até hoje, onde meu bisavô comungava, e onde foi sepultado.

Na sua sepultura tem a sua foto, bigode farto branco, semblante de homem sofrido, mas que em vida soube amar acima de sua compreensão de fé.

Descanse em Paz nobre velho.

Minha Vó Mariquinha também já partiu.

E eu para espanto talvez dos meus parentes mais "ortodoxos", sei comigo mesmo que ambos se encontraram e estão hoje juntos no mesmo Paraíso, junto do Pai Celeste e de Jesus nosso Senhor.

Sim, o amor derrotou o orgulho...

...

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine...

Portanto, suportem-se uns aos outros e perdoem-se mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outra pessoa.

Assim como o Senhor perdoou vocês, perdoem também uns aos outros.

E acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição..."



Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.

natandeoliveira@yahoo.com.br

Premiados do último Sorteio:

Mandar os dados para envio:
revistabulunga@gmail.com

1 - Aldair Ribeiro dos Santos -
Ganhou o livro
"O Processo, de Franz Kafka"

2 - Ranielson Marcio Faustino -
Ganhou o livro
"1984, de George Orwell"





DIÁRIO DE UM VELHO LOUCO

Jorge F. Isah

Como o título denuncia, o livro foi escrito na forma de diário, pelo patriarca da família Utsugí. Quase um octogenário, impotente, com terríveis dores lombares e nas mãos, a gastar boa parte do dia com terapias, remédios e reclamações sem fim, é um homem relativamente culto, que gosta de teatro, poesias e domina muitas das tradições japonesas; é crítico, ácido, egoísta e despreza a família. Nutre antipatia pela esposa, velha como ele, as filhas e netos. Talvez a única pessoa a se relacionar pacificamente seja o filho Jokichi (talvez, e somente talvez, haja algum respeito por ele; não por ele, mas pelo que conquistou na vida).

Mais adiante, o leitor entenderá), cujo distanciamento o mantém reservado a maior parte do tempo, não somente durante as inúmeras viagens a trabalho, mas também nas constantes reuniões que varam a noite. Utsugi quase sempre não se abstém de humilhar e escarnecer os demais membros, de maneira insolente e nada sutil. É rico, e isso o deixa senhor da situação, e evidência ainda mais o inconformismo que sente com a família e a vida.

Nutre, contudo, uma obsessão pela nora, Sasaki, mulher de Jokichi. Como disse, se existe alguma inveja quanto ao sucesso do filho, provavelmente reside no fato dele ter amealhado o seu objeto de adoração. Sim, o velho tem fetiche pelos pés de Sasaki (ex-dançarina de clubes noturnos), os quais descreve com arrebatado deleite. Tudo faz para tocá-la e desfrutar dos parques e raros momentos em que a esperta nora submete-se aos arroubos senis do "vovô", assim chamado carinhosamente. Não sem cobrar o silêncio quanto as suas escapadas com o amante, Haruhisa, que o velho re-

cebe em sua própria casa, e a presenteia com um anel valiosíssimo, em detrimento de, por exemplo, emprestar certa importância (muito inferior ao do anel) para a filha quitar o débito da casa. Talvez sejam vinganças de um louco, o homem que perdeu completamente a noção da razão e tem a sua consciência amortecida pela luxúria e traição, mas talvez seja o "dane-se" que a proximidade da morte pode se encarregar de exhibir.

Tanizaki descreve toda essa amálgama de desgraças de maneira burlesca e caricata, como se estivesse a brincar, ironizar as maluquices do velho e o assombro dos demais personagens. Existem cenas de nítido humor, um humor distendido, quase negro, permeado pelo ridículo e pelo sarcasmo. Assim, a narrativa é fluída, simples e transmite com eficiência o clima picaresco e satírico da trajetória do ancião. A tragédia tem sempre elementos absurdos e espalhafatosos, e aqui não é diferente.

Algumas pessoas reputam o livro como libertador, o frescor do sexo livre, sem amarras, e de ser um

traço da literatura japonesa não afeita aos rigores morais do Ocidente e, em especial, do Cristianismo, uma vez que o budismo e o xintoísmo são religiões mais, digamos, flexíveis quanto aos princípios. Será mesmo?... Não seria o contrário? No sentido de ser o Japão um país muito mais apegado às tradições, à honra, à família, uma moral ainda mais palpável e elevada (no sentido de graduação) do que a nossa? Ou Sade, Diderot, Laclos, Boccaccio, Roma, Atenas e "tutti quanti" autores e palcos centenários e milenares escreveram e foram descritos em orgias e libertinagem? A comparação colocaria o personagem de Tanizaki como um velhinho inofensivo e bocó, ainda assim, um hedonista, como outros em diferentes épocas e culturas. Porém, existem graus de imoralidade, de vícios, assim como virtudes e bondade. O homem, seja ocidental, oriental e, caso exista algum, marciano, é sempre o mesmo homem, indisposto ao bem e predisposto ao mal, ainda que o mal não se manifeste em toda a sua virulência, nem o bem algo inerente, mas fruto dos resquícios, conta-gotas, do Imago Dei. Sem en-

entrar nos pormenores teológicos, do ponto de vista literário, o autor denuncia a degradação e o apodrecimento da sociedade japonesa, ao contrário da conclusão "libertária" que alguns, ou muitos, depreendem do livro.

O velho, culto e abastado, ao manter uma relação "incestuosa" com Sasaki, em seu ceticismo com o mundo e as pessoas, a vida, a morte e qualquer possibilidade de esperança, transforma-a em ídolo, a deusa não somente momentânea, mas da qual, inclusive, quer esculpir as formas exatas dos pés e colocar sobre o seu mausoléu, e substituir os símbolos religiosos pela sua própria deidade. E isso me leva a questionar se, no fim das contas, Utsugi não é o seu próprio deus a estabelecer os ritos do autoculto, autoveneração e autodevoção. E Sasaki não seria o sacrifício através do qual os seus "súditos", a família, amigos e serviçais, conheceriam os caprichos de um deus idoso e caquético?

Deparei-me também com a ideia de toda a narrativa não ser nada além de imaginação e delí-

delírio do velho safado (apropriação de Bukowski), em sua condição decrepita e caduca, já que a maior parte do livro é narrada por ele, à exceção de dois capítulos onde a enfermeira e o médico descrevem a sua particular condição. Seja ou não alucinação, a verdade é que Tanizaki compôs a face de um homem com a qual muitos podem se identificar, velho ou não, onde as consequências afetam não somente o indivíduo, mas todos ao seu redor, especialmente os que, por um motivo ou outro, tenham intimidade e convívio. Sem contar o pouquinho com aqueles a auxiliá-lo, a se preocuparem, independente da motivação. Convenhamos, ele é um velho esquisito, manipulador em sua obsessão tardia e caduca; depende de todos, mas arrasta-os consigo para a queda vertiginosa.

Isolado em si mesmo, a sua excentricidade era impulso, de ser o que não podia mais ser, à cata de um elixir da vida e da juventude, onde, perdoe-me Cormac, os velhos ou fracos não têm vez!

Avaliação: (***)

Título: Diário de um Velho Louco

Autor: Junichiro Tanizaki

Páginas: 156

Editora: Estação Liberdade

o que você prefere?

SUV's ou CROSSOVER's?

Michel Salomão



Deixando de lado a questão do modismo, que não pode ser ignorado, os carros do tipo SUV e Crossover parecem ter se tornado a preferência dos brasileiros, que acreditam que eles proporcionam um maior conforto ao dirigir, em razão de sua posição mais alta, facilitando, inclusive, a entrada e saída do veículo, recurso útil para pessoas com data de nascimento mais distanciada.

Porém, antes de adquirir um veículo dessa espécie, antes mesmo de fazer um test drive, seria interessante ao comprador ler algumas revistas especializadas, para depois partir para os vídeos do YouTube, com seus testes e comparativos, sem se esquecer de realizar uma busca em canais como o "Reclame Aqui", onde poderá ver as impressões de consumidores e as respostas (ou não) das montadoras.

É possível que os leitores não saibam distinguir SUV's de Crossover's, mas é importante dizer que essa moda nasceu nos EUA, com aqueles carrões gigantescos baseados em plataformas de caminhonetes, e com o tempo foram sendo criadas variações, com os tipos médio e compacto, mas é importante dizer que esses dois últimos são montados sob plataformas do tipo monobloco, originados de carros de passeio comum. O que os diferencia dos demais modelos (sedans, hatches, etc.) são, em resumo, a altura do solo, o tipo de rodas (alguns oferecem a tração 4x4), a posição mais alta dos assentos e o espaço interno, sendo que este últi-

mo item pode gerar controvérsia, pois existem modelos compactos cujas dimensões internas são iguais ou maiores do que os modelos médios.

Em termos práticos, a maioria dos veículos desse porte que vemos rodando pelas ruas do Brasil são Crossovers, e não necessariamente SUV's, mas vamos prosseguir com a análise.



COROLLA CROSS

Um grande atrativo para quem pretende adquirir um desses modelos é o acabamento interno, a potência e o consumo de combustíveis, não necessariamente nesta ordem, e podem ser atraídos pela impressão passada por influenciadores, em testes rápidos que mal chegam a um quilômetro, quando destacam a beleza das fabulosas telas multimídia, o revestimento

de painéis e portas em soft-touch, os bancos em couro e a existência de iluminação interna em filetes de led, o que proporciona ao veículo um aspecto futurista. Contudo, é muito importante verificar as questões relativas ao pós-venda, à disponibilidade de peças, à desvalorização em caso de revenda e, principalmente, a incidência de defeitos recorrentes.



HYUNDAI CRETA ULTIMATE

Nesses quesitos, os modelos chineses disponíveis no mercado tenderão a ser preteridos em relação às marcas consolidadas no mercado, pois ainda pecam em diversos aspectos, apesar de serem disparadamente os mais atraentes em termos gerais. Podemos citar os modelos da BYD Song Pro e Song Plus, o H6 da Haval, o Tiggo 8 Pro e o Tiggo 7, ambos

da Chery: com preços notadamente inferiores aos concorrentes, mas com "recheios" bem superiores ao demais, o que nos levaria a comprá-los num impulso. Os modelos da Jeep, Compass e Renegade, ficaram de fora dessa lista, em razão de diversos problemas relatados pelos consumidores e especialistas, como panes elétricas, alto consumo de óleo e combustíveis, entre outros problemas recorrentes, o que tem comprometido as suas vendas, apesar do sucesso verificado nos anos anteriores. Da mesma forma, foram excluídos os modelos da Peugeot (2008), da Citroen (C3, Aircross e Basalt) e da FIAT (Fastback e outros), lembrando que todos esses fazem parte do grupo Stelantis.



BYD SONG PRO

A Volkswagen oferece os modelos T-Cross e Taos (excluímos o Tiguan, em razão do elevado preço), mas pecam pelo acabamento e pela desatualização de seus modelos, bastante inferiores em relação aos concorrentes, o mesmo ocorrendo com relação ao modelo da Chevrolet, Tracker, que tem apresentado muitos problemas com sua correia dentada banhada a óleo.

Poderíamos incluir nesta lista o Chevrolet Equinox, o Ford Territory e o Mitsubishi Eclipse Cross, mas estão numa faixa de preços acima dos demais, com alguns itens de conforto e segurança a menos do que os seus pares, o que contribui para o alto índice de desvalorização na revenda.

Entre as marcas consolidadas, nos restringiríamos ao Hyundai Creta Ultimate, ao Corolla Cross XRX (híbrido) e ao HR-v Touring, considerados "topo de linha", ressaltando que o primeiro e o último estariam na categoria "compacta" e o segundo, na "média", além de ser híbrido, apesar de possuírem semelhantes dimensões internas, altura do solo e potência.

O modelo da Hyundai é o que mais impressiona pelo design, tecnologia, potência e itens de segurança sendo o mais barato entre os três (R\$173.000,00, base janeiro de 2025); porém o seu câmbio de dupla embreagem a seco gera repreensão, sistema semelhante ao utilizado no passado por montadoras como Ford, Fiat e Volkswagen, e de acordo com os relatos de consumidores, já começa a apresentar os primeiros problemas com baixa quilometragem. Além disso, o fato de só utilizar gasolina, em um país que admite a mistura de grande percentual de etanol e faz vista grossa com o acréscimo de solventes e até de água, pode nos alertar para possíveis problemas prematuros no motor, o que vale para outros modelos que não são "flex".

Temos também o Corolla Cross XRX, modelo híbrido flex oferecido por R\$218.000,00: apesar de ser um carro prazeroso em dirigir, principalmente nos primeiros quilômetros, quando utiliza somente o motor elétrico, já foram registrados diversos problemas no seu câmbio de 10 marchas, com incômodos trancos observados na mudança da pri-

meira para a segunda marcha, talvez pelo fato de sua primeira posição ser mecânica, e as nove demais, CVT. Existem também diversos relatos acerca de incômodos barulhos não solucionados na suspensão traseira, assim como pode desagradar aos consumidores a propaganda maliciosa que afirma que a garantia do carro é de 10 anos, mas que na verdade é de 5, que poderá ser estendida mediante pagamento adicional. Ademais, em testes de desempenho na estrada, foi considerado inferior aos demais.

Assim, a escolha do melhor modelo recai sobre o HRV Touring, comercializado a R\$210 mil, com o seu motor turbo de 177 cavalos e torque de 24,5 kgf e uma direção firme e ao mesmo tempo agradável. O veículo conta ainda com a segurança do sistema "Honda Sensing", o acabamento interno satisfatório e a confiabilidade de revenda da Honda. A respeito desse sistema, já fornecido (com outros nomes) por alguns concorrentes, ele permite que o condutor utilize apenas o volante em uma viagem longa, pois o carro

acelerará, diminuirá a velocidade e até freará, mantendo-se na faixa, de acordo com o que foi programado, proporcionando um grande conforto.

O modelo da Honda ainda oferece uma vantagem extra que é o monitoramento total do veículo pelo celular, permitindo localizá-lo com exatidão onde estiver, mostrando o percurso e permitindo que o seu motor e o ar-condicionado sejam acionados à distância, além de buzinar e piscar a luz, podendo proporcionar algumas brincadeiras interessantes.

Muitos o consideram caro ao compará-lo a outros modelos menores, como o Tracker, o C3, o Fastback, entre outros, mas a verdade é que está em uma categoria bem superior, daí a justificativa para seu preço, que poderia ser menor, não há dúvida, neste país da fantasia, onde veículos automotivos são comercializados com os maiores valores do planeta.



HONDA HR-V TOURING

Onório do Bairro Antonina — e o peixe que faz piscar o Universo Ou Seu Onório ...

Sammis Reachers

Todos os dias, com sábados e domingos neles, ele aguarda às 17h e sai do Bairro Antonina, no município fluminense de São Gonçalo, numa viagem de dois ônibus até a praia de Gragoatá, em Niterói. Escolhe uma posição aleatória no grande calçadão que separa as praias de Boa Viagem e Gragoatá, sempre o ponto mais vazio da noite. Em seguida, lança sua linha de mão — pois jamais gostou de varas de pesca — e aguarda acontecer.

Nunca entendeu o motivo de tal extravagância do Universo, mas, que importa?

Na primeira vez, foi assustador, e ele se acreditou morto. Era a terceira ida até o calçadão do Gragoatá, depois de anos pescando apenas na gonçalense Praia da Luz, local que se tornara inviável pela violência. A pesca de linha era sua forma de descontrair as noites, de embriagar — ele

que nunca bebia — e engabelar sua solidão. O filho se fora para Anápolis, trabalhar no agro, mas isso era da vida e para tal fora criado. Mas ela... Ela a partida, ela a finada, ela era a sua dor.

la pras 20h quando a linha acusou retorno, rompendo a sonolenta divagação do velho solitário.

Ele puxou, e a dádiva do mar e da noite foi uma bela e inesperada raia-viola. Susto imediato, pescar uma raia ali na costa, na potência da simples linha!

Ao apanhar o peixe, com cuidado, pois jamais manuseara um daqueles, o velho Onório surpreendeu-se sorrindo — sim, sorrindo depois de três anos de um luto travestido de eternidade.

Ao abrir cerimoniosamente a boca do peixe para remover o anzol, aconteceu.

Sua visão pareceu escurecer, como sucede quando se está prestes a um desmaio, mas logo foi inundada por um clarão oceânico. Três ou quatro segundos foram necessários para ele voltar a abrir os olhos, e agora já não havia noite nem mar.

Sentado num banco da praça Carlos Gianelli, no con-

corrido bairro de Alcântara, em São Gonçalo, sua primeira sensação foi daquela mão macia e aquecida segurando a sua. Olhou para o lado, e era ela, Amária. Não era possível! Antes que pudesse falar alguma coisa, ela se antecípou:

— Fique calmo, Onório. Eu estou aqui, eu estou aqui. — Ela disse, deitando a cabeça em seus ombros. Ele respondeu reclinando sua cabeça de encontro a dela, apertando ainda mais aquela mão, e só então fixando o olhar na paisagem, banhada pelo mais aconchegante dos sóis.

Um Fiat Tempra, retinindo de novo, cruzava a rua. Na outra mão, um ônibus da empresa Santa Isabel parava para o embarque de passageiros. Ele trabalhara naquela empresa que já não era, desfeita que fora em 2006. Só então ele se deu conta: Aquela praça também já não existia; dera lugar a um obtuso shopping. Amária estava bem mais jovem do que quando partira, e isso tinha motivo, legível na paisagem e nas memórias: ele voltara até os anos 1990.

— Eu te amo tanto, Onório. Essa dor, ela é tanta,

mas pra que isso? A vida acontece, e morrer foi da vida. Você precisa ser forte, precisa continuar.

— Eu sei. Eu sei! Mas não consigo, não consigo... De dia, fico enfurnado naquela casa, ainda ouço a Rádio Tupi, só pra lembrar de quando ficávamos ouvindo as notícias e causos, eu consertando televisores, você na costura... Mas quando a tarde vai caindo, eu não aguento, e preciso esquecer. Saio para pescar, e tentar esquecer você, mas não funciona muito bem. Por tantas vezes, pensei em me jogar no mar!

— Nem tem pra que disso, Onório! Te conheci macho, macho te escolhi, então honre o que você foi e é. Tenha brios, homem!

— Ó, minha fortuna... Só de estar aqui e falar com você, meu Deus, nunca tive um sonho tão doce e tão real. Cê voltou dos mortos pra estar comigo!

— Ninguém volta dos mortos, meu carneirinho... E nem tem outra vida além dessa que vivi, que você vive. E sonho não tem cheiro. Sente esse cheirinho de angu à baiana, vindo daquela barraca? Aqui não é sonho nem realidade, é uma

outra coisa, não tem nome pra isso. Seu amor que fez esse milagre, Onório.

– Mas é lindo, Amária, é lindo. E como você está linda. Esse vestido azul, nem me lembrava.

– Está na hora de você voltar, meu amor.

– Não, não! Que isso, meu doce, aqui é meu lugar, que voltar o quê!

– Aqui nem é lugar, nem é nosso, Onório. Mas aqui estamos, isso foi uma piscadela do Universo, uma graça de Deus. Mas o Universo já está abrindo os olhos.

– Não, não, meu amor, eu te imploro!

– Vai. Amanhã, o Universo vai piscar de novo.

Outro clarão acometeu os olhos do viúvo, seguido por um escuro manso – processo do início da visão, mas ao revés.

Onório ainda estava com a raia nas mãos – peixe raro, de estranho nome científico, *Zapteryx brevirostris*, tão ameaçado de extinção quanto o amor. Nativo da Baía de Guanabara, sua pesca era proibida. O velho o lançou de volta ao mar.

E todos os dias, com sábados e domingos e tem-

pestades neles, religiosamente o velho sai de seu agora já não tão mal cuidado casebre, situado numa travessa sem saída no Bairro Antonina, e vai até aquele calçadão niteroiense para pescar a mesma raia, em cuja boca o Universo pisca – ressuscitando, noite após noite, o moribundo Onório e seu amor.

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

VOCÊ ESTÁ MORTO?

Jorge F. Isah

A morte é inevitável. Todos morrerão um dia, a menos que, antes o nosso Senhor volte em glória para unir-se à Sua igreja. Enquanto isso, não damos muita importância a ela, ou fingimos não dar, mas sentimos-a rondar-nos. Sua presença é constante, seja nos noticiários, nos filmes, livros, no trabalho, nas ruas, na mente...

Às vezes é alardeada pelas sirenes, pelas multidões nos velórios, pelas páginas dos jornais, pelos gritos de desespero... Outras vezes, uma manchinha de sangue na calçada, uma lágrima furtiva, ou um aperto silencioso no coração impedem que ela passe despercebida... Em alguns casos, ocorre anônima sem que alguém note, sem que haja um nome, e mesmo um corpo.

A morte pode vir súbita como num acidente, ou prolongada por uma doença dolorosa; pode nos atin-

atingir prematuramente, mesmo no ventre materno, como muito avançada em idade; não escolhe sexo nem cor, peso nem altura, fortes nem débeis, ricos nem pobres; acomete tanto na terra, no ar, ou mar... quase alcançou os tripulantes da Apolo XIII, em pleno espaço sideral.

Ela está a rondar solerte, pairando sobre nossas cabeças, pronta para decepá-las. Pode vir como uma brisa prolongada, ou como uma borrasca instantânea, mas, invariavelmente, não será precedida por uma festa ou alegria (mesmo contida) do candidato a morto; e revelará aos vivos a transitoriedade.

Por falar em vida, o que ela é (esquecendo-nos um pouco da morte)? Podemos defini-la como existência, animação, tempo, estilo ou um modo de se subsistir. Mas em todas essas definições ou alusões temos um estado finito, efêmero, no qual ela estará sujeita à temporalidade, o que levará muitos a crer apenas na sua materialidade, numa realidade exclusivamente terrena; e esta conclusão nem mesmo é uma ínfima fração da verdade.

Definição precisa (ainda que amarga) nos deu um ho-

mem sobre a vida terrena: "Os meus dias são mais velozes do que a laçadeira do tecelão, e acabam-se, sem esperança. Lembra-te de que a minha vida é como o vento" (Jó 7.6-7). Moisés concluiu: "Passamos os nossos anos como um conto que se conta" (Sl 90.9)... "Porque, que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece" (Tg 4.14). Portanto, a vida é algo fácil de perder, pode nos ser tirada a qualquer momento, ainda que a julguemos segura e esforcemo-nos em propiciá-la. O alento de sustentá-la nunca será suficiente, mesmo que o dispensemos diligentemente... Diante da mais sutil ameaça, a angústia sobrevirá, pois o fim de todas as coisas é a morte: "Que homem há, que viva, e não veja a morte? Livrará ele a sua alma do poder da sepultura?" (Sl 89.48).

Mesmo a vida, num determinado momento, se sujeita a ela...

Não quero trazer-lhe tristeza, nem angústia, nem apressar o que talvez demore ainda muito a acontecer. Ao tocar neste assunto, quero falar é da esperança e da certeza que nem mesmo ela, a morte,

é capaz de destruir.

A Bíblia afirma que o último inimigo ao qual Jesus derrotaria seria a morte (1Co 15.26) , "porque todas as coisas sujeitou debaixo de seus pés" (v.27).

Como homem, Cristo padeceu e morreu na cruz do Calvário, para expiar os nossos pecados e nos dar vida eterna; "porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 6.23). Cristo morreu para que tivéssemos vida, não apenas por alguns anos ou décadas, mas por toda a eternidade.

Por sua graça e misericórdia substituiu-nos, recebendo a ira que nos seria destinada: "porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1Co 15.21-22).

Ao terceiro dia, Ele ressuscitou, e então, o jugo da morte não mais prevaleceria sobre o seu corpo; ele venceu-a: "tendo sido Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele" (Rm 6.9).

Assim, todo aquele a reconhecer o seu sacrifício na cruz, herdará a vida, e jamais morrerá, porque a primeira morte é física, mas a segunda morte é a completa e eterna separação de Deus, quando os que se mantiveram rebeldes a ele serão lançados no lago de fogo inextinguível, ou seja, a morte definitiva, inexorável. Cristo, através da Sua morte, deu-nos a vida, a qual nem mesmo o tempo será capaz de destruir, porque, como disse, "se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte" (Jo 8.51), "não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" (Jo 5.24).

Portanto, não há o que temer, antes ansiar o momento em que encontraremos o nosso Senhor e Salvador, como Paulo disse ao referir-se à própria morte: "tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (Fl 12.3).

Deus é o protetor da vida; devemos depositá-la em Suas mãos, o qual é fiel para conservá-la, "porque eu sei em quem tenho crido (Cristo), e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia" (2Tm 1.12), quando o vislumbraremos face

a face, "porque assim como é o veremos" (1Jo 3.2). Porquanto, os efeitos dos nossos inimigos, o pecado e a morte, foram anulados por Jesus Cristo, tragados por sua vitória (1Co 15.54).

Então, a morte torna-se inofensiva diante da gloriosa vida que Deus nos concede; não a todos, mas para os que confessarem Cristo, pois, "qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10.33); porque "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6).

Sem Cristo, a morte é certa.

P.S: Quanto mais vivo, mais sei que, se não fosse Cristo, nem todas as vitórias do mundo me fariam vencedor. Mas nele, todos os fracassos, pecados e falhas, erros, vícios e desvios me farão vencedor. É algo que, por mais que eu compreenda, jamais entenderei: o amor inexplicável de Cristo. E a cruz está lá, para prová-lo, o amor existe!

Outra Ajuda

Luiz Libório Alves da Silva

Sobre a autoajuda, o meu problema é moral, pois nela é quase norma: se um autor quer vender bem, tem que falar a partir do ponto de vista que anuncia a felicidade estar em primeiro lugar.

Eu, porém, em verdade vos digo: existem centenas de coisas mais importantes do que a felicidade.

A amizade, a integridade, o respeito, a fé, o amor, pra começar, são mais importantes do que a felicidade. As memórias, o cuidado, a lealdade, a gratidão, vem logo após.

E há muito mais.

Há quem diga, como lei, "faça o que te faz feliz". Mas a um estuprador, o estupro deve deixar feliz. A um corrupto, a corrupção deve deixar feliz. A um traídor, a traição. A um cruel, o poder. O que te faz feliz, caro contemporâneo, é menor, se traz infelicidade para alguém, o que já rebaixa a felicidade em relação à empatia, pelo menos.

Ser feliz não é o que importa.

É um unguento santo, enquanto fazemos o que importa.

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Estou cansado daqueles chamados "crentes de carteirinha", que ficam nos fazendo lembrar que eles são os verdadeiros crentes, e que os demais são meros pecadores. Mas a coisa não é bem assim, pois somos todos iguais. Jesus disse que "de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele" (Mt. 11:11). Pecamos assim que acordamos e continuamos a pecar até a hora de dormir, e podemos pecar até enquanto sonhamos, mas só pararemos quando colocarem a etiqueta no dedo do pé e fecharem o zíper do saco, no necrotério. Só não podemos habituar com os pecados, nos tornando reincidentes. Quantas vezes devemos perdoar os pecados do próximo? Sete vezes? Jesus nos orientou a perdoar setenta vezes sete, mas aquele que chegar a 1/3 dessa marcação já está abusando. Contudo, quem fica apontando o pecado dos outros é o diabo: por isso, cuide da sua vida e viva na santidade, que é o que Jesus espera de você.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, neste carnaval estou pensando em soltar a franga. Cansei de sustentar esta imagem de grande empresário, presbítero da igreja, pai de família. Descobri que a vida é um arco-íris e que estou preso dentro de um armário que fica na sua extremidade. O que você acha disso?

Nelson – Só preciso lembrar a você que depois do carnaval vem a quarta-feira de cinzas...

Sou casado e tenho duas amantes. Todas sabem da existência umas das outras, mas fingem não saber, contanto que eu dê presentes caros para elas. Recentemente, minha amante número um pediu para eu comprar um carro novo para ela, mas aí minha mulher e a número dois ficaram sabendo e pediram para eu comprar carros ainda maiores e mais luxuosos para elas. O que faço?

Nelson – Que tal se você comprasse um ônibus,, colocasse todas elas dentro e deixasse o pau quebrar?

Nelson, estou para receber uma herança gorda de uma tia que já passou dos 100 anos, mas insiste em não empacotar. Será que eu posso conseguir uma espécie de "adiantamento" sem que os outros herdeiros entrem com uma ação contra mim?

Nelson – Não aconselho. Talvez seja melhor você pedir para São Pedro adiantar o processo de desencarnação dessa véia.